

30 anos de Cerâmica em Cunha



陶芸



**2005.ANO.DA.CERÂMICA**  
30 Anos de Forno Noborigama em Cunha

**coordenação editorial**

Mieko Ukeseki e Alberto Cidraes

**produção e pesquisa**

Mieko Ukeseki

**criação e design gráfico**

Mieko Ukeseki

**reportagem e texto**

Ana Sanchez

**revisão**

Marina Valadão e Gitika Anand

**arte final**

Wagner Oliveira Junior

**fotografias das peças**

Salvador de Rosa

**finalização**

Antonio Gonçalves de Oliveira Filho

**impressão**

JAC Gráfica e Editora

Estância Climática de Cunha SP

Julho de 2005

1ª Edição

Todos os direitos reservados



**realização**

**CERAMISTAS DE CUNHA**



**CUNHATUR**

ASSOCIAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE HOTÉIS, Pousadas,  
RESTAURANTES, BARES, SIMILARES E DOS ARTESÃOS DE CUNHA

**apoio cultural**



PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA CLIMÁTICA DE CUNHA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO E CULTURA



CÂMARA MUNICIPAL DE CUNHA

[estalagemshambala.com.br](http://estalagemshambala.com.br)



**SESC SP**

A Comissão de Coordenação Editorial  
agradece às seguintes pessoas  
pelo apoio prestado no decorrer  
do processo de criação deste livro:

Ana Sanchez  
Celso Alves Monteiro  
Clenita Prudente do Espírito Santo  
Edvaldo Carvalho Monteiro  
João José de Oliveira Veloso  
Maria Aparecida de Paula  
Nariyuki Sueyoshi  
Ricardo Pompílio

### **Comissão Editorial**

Alberto Cidraes  
Mieko Ukeseki

### **Comissão Organizadora**

Alberto Cidraes  
Mieko Ukeseki  
Mario Tetsuo Konishi  
Wilmar Andrade Silva  
Maria Cristina Paniza

## **Introdução**

No início da década de 1980 havia poucos fornos cerâmicos de alta temperatura no Brasil. Dessa maneira, a história que vai aqui contada, sobre os pioneiros que fundaram o núcleo ceramista de Cunha (SP) com seu forno a lenha Noborigama, é também um pouco da história dos pioneiros da cerâmica de alta temperatura no Brasil, técnica que, nas últimas décadas, ganhou impulso e prestígio.

Como se verá na apresentação individual, estamos falando de artistas com uma carreira brilhante no cenário nacional - vários deles também no internacional - com inúmeras exposições, prêmios e, não raro, obras em museus e espaços públicos. Eles têm formado outros artistas e são responsáveis pela criação de novos núcleos de ceramistas e até de um departamento de cerâmica de uma escola de alto nível em Portugal.

Sua história é feita de idealismo, determinação e resistência. Oriundos do Japão, de Portugal e do Brasil, com culturas diferentes e formações profissionais as mais diversas - arquiteto, professora de inglês, enfermeira, publicitário - esses pioneiros se fixaram numa pequena cidade do Vale do Paraíba, na década de 70, dispostos a construir um imenso forno a lenha, de tradição japonesa milenar, e nele queimar a cerâmica que sonhavam fazer.

Enfrentaram duas décadas de enormes dificuldades. Mas realizaram seu sonho e transformaram a pequena Cunha em um dos mais importantes pólos de cerâmica da América do Sul.

**assim aconteceu...**

### **30 anos de cerâmica em Cunha**

Era o outono de 1975 em Cunha quando dona Maria, irmã do prefeito José Elias Abdalla, o Zelão, encontrou um grupo de visitantes na praça da Matriz. Conversando com eles, soube que estavam à procura de um local tranquilo para se instalar e produzir cerâmica. “Vocês deviam falar com meu irmão, o Zelão”, aconselhou. “Ele é de opinião que Cunha deve se desenvolver como uma região turística e acho que vai se interessar pelo trabalho que vocês querem fazer aqui, porque pode ajudar”. E levou-os para conhecer sua cunhada, Maria Aparecida Núbile Abdalla, dona Cida, esposa do prefeito.

Dona Cida lembra que aquele era um dia da festa na cidade e que ela e o prefeito estavam recebendo em casa autoridades vindas da capital e de cidades do Vale do Paraíba. Pediu aos ceramistas que aparecessem para conversar depois da festa. “Eles vieram e achei ótima a idéia de se fazer cerâmica aqui”, conta dona Cida. “Disse ao Zelão que era muito vantajoso trazer uma atividade artística para Cunha e que a prefeitura devia arranjar um lugar para eles ficarem”. Nessa ocasião, a cerâmica artística de alta temperatura era muito pouco conhecida no país e menos ainda em Cunha, familiarizada apenas com o trabalho das panelas da região. Mesmo assim o prefeito e dona Cida intuíram que a presença e o trabalho dos ceramistas podiam trazer resultados positivos para o desenvolvimento da cidade.



Cunha - 1975

“Cunha era um abandono”, lembra o ex-prefeito. “Eu trabalhava desde as cinco horas da manhã, não tinha tempo nem de parar em casa, porque a cidade não tinha nada, estava tudo por ser feito. Ouvi a proposta dos visitantes e não me ocorreu nada para oferecer a eles, até que a Cida falou do Matadouro. Aquilo era um lixo, pura sucata e chifre de boi. Mesmo assim o pessoal disse que servia, mas até hoje não sei como conseguiram passar aquele tempo todo lá.”

Ajeitar o lugar onde o grupo de ceramistas se instalou foi um grande sacrifício, conta o prefeito Zelão. “Naquele tempo a prefeitura não era descentralizada, não tinha secretarias nem equipes, não tinha dinheiro. Aí a Cida me dizia que estava muito ruim para eles trabalharem naquele lugar e eu mandava um funcionário por um dia ou dois. Pouco depois ela insistia de novo e eu dava um jeito de mandar mais alguém”. Mas, segundo ele e dona Cida, o esforço valeu a pena. “Se não fosse por esses ceramistas, a história da cidade seria diferente. Como Cunha ia se tornar conhecida? E tem coisa mais bonita do que acontece aqui quando é dia de abertura de forno?”, pergunta ela.



Matadouro na chegada em 1975

### **O começo de uma longa história**

A história que para Cunha se abriu naquela tarde de outono na praça da Matriz começou a se estruturar alguns anos antes na cidade de Lisboa, em Portugal, e em Tsuru, uma aldeia no sul do Japão. Em Lisboa, em 1970, Alberto Cidraes, com 25 anos, casado com Maria Estrela, concluíra o curso de Arquitetura na Universidade e vivia uma necessidade urgente: sair do seu país natal, para não ser incorporado ao exército e obrigado a lutar na guerra das colônias portuguesas da África. Conseguiu do governo japonês uma bolsa de pós-graduação em arquitetura e partiu para lá. Durante o curso, o seu professor, arquiteto, levou-o a conhecer a cerâmica de forno a lenha que se fazia no Japão. Por ela Alberto e Maria Estrela se encantaram, passando a frequentar ateliês de ceramistas e a realizar suas primeiras experiências com o barro. No final de 1972 o curso de pós-graduação terminou mas ainda restavam dois meses da bolsa de estudos. O casal resolveu aproveitá-los em uma aldeia de ceramistas, Tsuru, alugando uma casa e improvisando um ateliê.

Vizinhos à casa onde se instalaram, moravam os ceramistas Mieko e Toshiyuki Ukeseki. A jovem Mieko

havia se formado como enfermeira e trabalhava como professora em uma escola de enfermagem em Nagoya, em 1970, quando se casou com o ceramista Toshiyuki e começou a se interessar também por fazer cerâmica. Um pouco mais tarde o casal partiu para a província de Fukuoka, no sul do Japão, terra natal de Toshiyuki. Seu objetivo era pesquisar e aprofundar os estudos em cerâmica no Núcleo de Cerâmica de Koishiwara, aldeia de Tsuru, onde trabalhavam dezenas de ceramistas tradicionais. “Lá estivemos com mestres que tinham décadas de experiência, inclusive Shoji Matsuyama”, conta Mieko. “Montamos uma casa com um pequeno ateliê e, no princípio, um forno a gás, depois construímos um forno onde se queimava com óleo diesel e lenha, sempre pequenos. Grande, mesmo, era a nossa dedicação à cerâmica”, lembra.

Foi nessa época que os casais japones e português se conheceram e Alberto passou a usar o forno dos Ukeseki para queimar as peças dele e de Maria Estrela. “Ele estava apaixonado por cerâmica e chegou a fazer uma exposição, que ajudamos a montar”, conta Mieko. “Nesse período de dois meses construímos uma profunda amizade e ele nos contou seus planos de não retornar a Portugal onde seria preso por não haver-se alistado no exército e mudar-se para o Brasil. Convidou-nos para irmos e criar um grupo de ceramistas que trabalhassem juntos. Dizia que o Brasil era um outro mundo: um país grande, com muito espaço, muita natureza preservada e muitas colônias japonesas e que a gente se adaptaria facilmente. Falou que ia ser possível termos forno grande, muita lenha para queimar, barro abundante. Isso despertou nosso desejo por uma vida assim. Tanto que, quando ele e Maria Estrela partiram, já havíamos assumido com eles o compromisso de irmos também. E começamos a preparar nossos documentos para a emigração”, lembra Mieko.

### **A chegada ao Brasil**

Vindos diretamente do Japão, Alberto Cidraes e Maria Estrela chegaram a São Paulo em julho de 1973. Alberto trabalhou durante algum tempo como arquiteto em uma empresa japonesa, Maria Estrela foi contratada como intérprete na Cosipa, pois era formada em inglês. Mas rapidamente o casal se desencantou com a vida urbana, como conta Alberto: “Resolvi então ir de carona até Salvador, com meu amigo brasileiro Toninho, o Antônio Cordeiro. Maria Estrela foi mais tarde, logo depois seguiu outro amigo brasileiro, o Gilberto Jardineiro. Trabalhei em diversos empregos até que fomos vítimas de um roubo que levou as coisas mais valiosas que tínhamos no momento. Esse choque fez com que a gente quisesse se voltar mais para a natureza. Mudamos então para um lugar chamado Cachaprego, uma pequena aldeia de pescadores, muito africana, na ilha de Itaparica, do lado oposto a Salvador. Formamos o grupo Takê, que quer dizer bambu em japonês. Éramos eu, Maria Estrela, Toninho Cordeiro e Gilberto Jardineiro. O grupo Takê desenvolvia esculturas em bambu e peças diversas com materiais da natureza, como ossos, sementes, pedras, galhos, e coisas devolvidas pelo mar”. Na opinião de Alberto, o Takê foi o grupo precursor da cerâmica de Cunha. Ele explica: “Todas as pessoas que

formavam aquele grupo vieram a ser ceramistas em Cunha. Eu e Toninho fizemos parte do grupo inicial do Matadouro. Maria Estrela e Jardineiro não, porque viajaram ao exterior, ela para Portugal, para ficar junto da família um tempo, o Gilberto porque foi percorrer o mundo e acabou parando no Japão”.

Em 1975 o grupo Takê se desfez. Alberto voltou para São Paulo, onde morou e trabalhou com Vicente Cordeiro, o Vicco, publicitário, irmão do Toninho, na agência de publicidade que ele possuía. Foi então que Mieko e Toshiyuki chegaram, com uma filha pequena, e também foram morar na casa do Vicco, na praça Benedito Calixto, no bairro de Pinheiros, em São Paulo.



Grupo Takê - 1974  
Da esquerda para a direita:  
Gilberto Jardineiro, Antonio Cordeiro, Maria Estrela e Alberto Cidraes.

Os Ukeseki haviam gasto dois anos no processo de emigração exigido pela burocracia do governo japonês, que pagava sua viagem. Com sua chegada, o grupo que agora se formava - Alberto Cidraes, os Ukeseki e os irmãos Vicco e Toninho, também interessados em fazer cerâmica - passou imediatamente a procurar um local para montar um ateliê conjunto. A região escolhida foi a do Vale do Paraíba, por ser montanhosa e ficar entre as duas maiores cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, o que representava acesso a importantes mercados consumidores. No carro de Vicco passaram a percorrer as cidades do Vale, pela via Dutra, até que, cerca de um mês depois, entraram pela estrada que leva de Guaratinguetá a Parati e foram parar na cidade de Lagoinha. Ali encontraram uma chácara à venda e pensaram haver descoberto o local que procuravam. Felizes com o achado, e por estarem razoavelmente próximos de Parati, resolveram esticar a viagem até a praia. “No meio do caminho”, lembra Mieko, “chegamos a uma pequena cidade. E, por acaso, na praça dessa cidade encontramos uma senhora que veio conversar conosco”. A cidade era Cunha e a senhora na praça, dona Maria que, também por acaso, era irmã do prefeito. Agora, sim, o grupo que partira de São Paulo havia encontrado seu pouso.



Caminho de Cunha: Mieko, Vicco e Cidraes

### **Um projeto comum**

Um dos traços que contribuiu para a agregação dos Ukeseki, de Alberto Cidraes e Maria Estrela e dos irmãos Cordeiro era uma maneira comum de ver a cerâmica e a vida. “Nosso projeto passava pelo naturalismo e pelo experimentalismo”, explica Alberto Cidraes. “Queríamos queimar a lenha em forno Noborigama e usar para a produção das peças o que a natureza oferecia: o barro, os materiais de esmalte, as cinzas da lenha empregada na queima das peças”. Para Cidraes a cerâmica, como a vida, tem um ciclo. “A peça de cerâmica vem da terra”, diz ele, “depois adquire forma, que não é consistente porque se for posta dentro da água se desfaz, e através da queima - que é algo mágico - ela se transubstancia em objeto de pedra artificial. Quando sai do forno, ela nasce. Se for queimada com lenha, que é um elemento natural, a coisa se torna ainda mais dramática”. Por isso o grupo todo optara pelo forno Noborigama e pela sua instalação na zona rural, em região de montanha, já que o Noborigama é “um forno que sobe montanha”.<sup>1</sup>

Para viabilizar o projeto, o grupo formou uma sociedade financeira, contribuindo cada um com o que podia dispor no momento para a montagem de um ateliê conjunto. “Se bem me lembro”, conta Cidraes, “eram 50% de quotas do Vicco, uns 40% do Toshiyuki e da Mieko e uns 10% meus, que era o que havia sobrado de minha quebradeira na Bahia”. Com esse dinheiro pensavam comprar um sítio, montar o forno e viver durante os

<sup>1</sup> O forno Noborigama, explica Alberto Cidraes, é a forma final mais sofisticada do forno arcaico, a lenha, de alta temperatura do Extremo Oriente. Evoluiu de uma linhagem de fornos que vêm da China, passou pela Coreia e adquiriu no Japão seu maior refinamento, associado à cultura Zen. A sofisticação técnica vem da funcionalidade ligada à otimização na economia de combustível e organização na carga, descarga e operação. Trata-se de um forno ascendente, em degraus geralmente apoiados em um declive natural. Desenvolve-se em um eixo longitudinal, numa sucessão de abóbadas transversais em arco semi-circular. Tem à cabeça uma fornalha onde queima o fogo principal que pode durar mais de metade da queima. Dentro do forno, o fogo percorre um caminho semelhante a um dragão ondulante. O calor gerado na fornalha passa por todas as câmaras numa graduação decrescente de temperaturas. Quando a primeira Câmara chega perto da temperatura-alvo, digamos 1.300 graus centígrados, coloca-se na câmara um pouco de lenha por uma ou duas horas para chegar à temperatura ideal. O processo se repete sucessivamente em cada câmara, até todas terem maturado. As câmaras que vão ficando para trás são protegidas do ar frio exterior e deixadas em repouso.

primeiros meses de trabalho. E foi um alívio quando, em Cunha, surgiu a possibilidade de se instalarem sem que fosse preciso comprar terras nem pagar aluguel.

### **Os primeiros tempos em Cunha: pioneirismo**

Os meses que se seguiram a setembro de 1975, data em que o grupo chegou de mudança a Cunha, foram marcados por muitas dificuldades e um grande entusiasmo. O local onde agora procuravam se instalar - acampar seria um termo mais exato - prescindia de condições mínimas de habitabilidade. Nem luz elétrica havia. Na lembrança de Alberto Cidraes, “éramos um casal de japoneses com uma criança pequena, um português (Maria Estrela estava em Portugal) e dois brasileiros, mais uma japonesa, a Rubi Imanishi, que acabara de se formar em desenho industrial, era pintora e queria aprender cerâmica e integrar-se ao grupo. Formávamos uma verdadeira Babel, vivendo um choque cultural tremendo, morando todos juntos e trabalhando juntos. Não foi fácil”. Mieko recorda que o único quarto que havia no local foi cedido para ela e Toshiyuki. “Os outros se arranjaram na sala, alguns dormindo em rede”, explica ela. “No local onde havia uma pia fizemos uma cozinha, com os móveis e utensílios que Vicco havia trazido da desmontagem de seu apartamento em São Paulo. Começou assim nossa vida no Matadouro, com o mínimo para sobreviver”.



Construção do 1º Forno Noborigama - 1975



Toshiyuki, Mieko, Toninho e Alberto



Nelson, um amigo, ajudando na construção do forno

Embora nunca tivesse havido uma relação hierárquica dentro do grupo, a figura de Toshiyuki Ukeseki ganhou destaque nesse momento. Era ele quem tinha o know-how e a experiência como ceramista profissional. Nunca havia construído um forno Noborigama, mas era muito observador e hábil, como diz Alberto, “alguém capaz de olhar para um forno Noborigama e deduzir a maneira pela qual ele era construído”. Assim, Toshiyuki desenhou a planta do forno e orientou sua construção, feita pelo próprio grupo, sem ajudantes. Trabalhavam na enxada, carregavam tijolos e, graças ao enorme entusiasmo reinante, em dois meses o forno estava pronto. Tinha seis câmaras, cerca de um metro de largura e 10 ou 12 de comprimento. Em dezembro de 1975 o grupo fez sua primeira queima.

As peças queimadas haviam sido produzidas sem nenhum planejamento coletivo e era consenso no grupo que cada um faria sua própria produção, como quisesse. Na verdade, tudo tinha de ser feito por eles e o trabalho era duro. Para instalar os ateliês o grupo utilizou cinco antigos chiqueiros semi-abertos, localizados fora do galpão do Matadouro. Neles cada um montou seu torno manual de madeira que Toshiyuki havia desenhado e que foram construídos na Oficina de Marcenaria da USP-Universidade de São Paulo. Assim, durante o dia o grupo construía o forno e à noite cada um trabalhava em seu torno. Antes disso haviam procurado e encontrado o barro, que era carregado, socado e preparado por eles mesmos. “Éramos como desbravadores”, lembra Mieko, “não dispúnhamos de nenhum equipamento sofisticado, trabalhávamos com o que tínhamos naquele simples galpão”. Até uma nova maneira de socar o barro seco eles tiveram de inventar. No Japão usa-se água para mover o monjolo que soca o barro, mas no Matadouro não havia água. Eles então montaram um eixo de madeira com uma ponta e, embaixo, um pilão, onde ficava o barro. Revezando-se, cada um subia nesse eixo de madeira, equilibrando-se numa perna e noutra e movimentando para cima e para baixo o eixo que socava o barro.



Construção do forno - 1975



Frente do forno Noborigama



Parte da cobertura do forno era de sapé

“Hoje os chiqueiros não existem mais”, lamenta Cidraes, “e é uma pena que tenham sido destruídos”. Eram uma lembrança dos tempos mais difíceis e de como, desde o início, cada um fazia isoladamente seu trabalho. “Na hora de utilizar o forno é que nos constituíamos em grupo, pois era preciso dividir os tempos de queima” conta ele. “Também não era fácil operar o forno desenhado pelo Toshiyuki, experimental e ineficiente, com pouca inclinação. Pelas bocas de queima saía quase um maçarico, e dentro desse maçarico de fogo a gente tinha que enfiar a lenha. Para completar, todo mundo brigava com todo mundo. Não foi uma história harmônica, essa que começou aí. Houve muito desentendimento, inclusive com a segunda geração de ceramistas. Já passou, mas foi assim”.

Mieko concorda com os desentendimentos, as dificuldades e a vida dura que todo mundo levava, mas lembra também da alegria que contagiava a todos. “Havia um grande entusiasmo no grupo”, conta ela. “As tarefas eram distribuídas, todos cumpriam e, dia e noite, só pensávamos em nosso sonho de fazer cerâmica

Noborigama no Brasil. Era uma energia muito forte e foi algo inesquecível”.

Para os Ukeseki, o que encontraram no Brasil foi muito além do que esperavam, como conta Mieko: “Cunha era uma região bonita, havia barro por todo lugar na zona rural, muita gente tinha eucalipto abundante para vender. Utilizamos as rochas locais para fazer o esmalte. Tínhamos um moedor de rocha e, no próprio barranco atrás do Matadouro, havia feldspato velho. Moemos, peneiramos e aquilo virou um esmalte. Buscamos também um tipo de caulim, que é abundante nesta região, e que usamos para esmalte e para misturar ao barro. Além disso tínhamos também as cinzas de madeira, obtidas no próprio forno. Dessa maneira, o esmalte já estava pronto. Para colorir bastava acrescentar uma pequena porcentagem de óxidos, que havíamos comprado em São Paulo”.



Vicco esmaltando peças da 1ª queima

Na abertura da primeira fornada estavam todos ansiosos por ver o resultado do que haviam produzido. “Foi muito emocionante para todos e uma vitória que, em tão pouco tempo, houvéssemos conseguido fazer uma primeira queima. Sem falar no encantamento ao constatar que o barro havia se transformado naquelas peças duras e brilhantes. E nem pensamos em vender nada”, lembra Mieke, explicando que a comercialização da cerâmica foi uma questão que só ocorreu ao grupo um pouco mais tarde.

Depois dessa queima, houve uma primeira dispersão do grupo original que criara o ateliê do Matadouro. Alberto Cidraes recebeu uma proposta para lecionar no ensino secundário, em Portugal, e lá se foi para ficar um ano. Toninho e Vicco, por seu lado, queriam se estabelecer em outra cidade. Tinham muita habilidade e experiência em outros tipos de arte e planejavam um ateliê próprio. Mudaram-se para Teresópolis, no Rio de Janeiro, levando sua parte na sociedade financeira que o grupo havia criado e os móveis e utensílios que lhes pertenciam. Nem fogão e geladeira sobraram no Matadouro. E, antes mesmo que Alberto Cidraes embarcasse para Portugal, o dinheiro da sociedade havia acabado.

Em Teresópolis, Vicente Cordeiro, o Vicco, construiu seu primeiro forno Noborigama. Como publicitário, ele havia pesquisado desenho e escultura. Na cerâmica, vislumbrou a possibilidade da escultura e partiu para a construção de obras de grandes dimensões. Um desses trabalhos, na verdade um monumento, foi feito para a entrada de um colégio de Teresópolis. Nos anos seguintes Vicco realizou e participou de dezenas de exposições coletivas e individuais em São Paulo e no Rio de Janeiro. Dentre as individuais destacou-se a realizada no MASP-Museu de Arte de São Paulo, pouco antes do seu falecimento, em 1998.

### **A primeira abertura pública de fornada**

Como o número de pessoas no Matadouro havia se reduzido drasticamente, a chegada de alguém que pudesse ajudar nos trabalhos seria muito bem vinda. Ainda mais que a solução para isso estava próxima, exatamente na casa ao lado. Um jovem que ali morava costumava observar longamente o trabalho do grupo do Matadouro, demonstrando curiosidade. Foi Toshiyuki quem o convidou a trabalhar, oferecendo em troca o uso do espaço do Matadouro e orientação para aprender cerâmica. O jovem era Luíz Toledo e esse foi um dia decisivo para ele.

“Aconteceu como um encontro inesperado e teve uma enorme importância em minha vida”, conta Toledo, com 22 anos na época. Por um longo tempo seu pai tivera uma olaria e ele desenvolvera, desde cedo, o gosto de brincar com barro. Conhecia também algumas das antigas panelas de Cunha<sup>2</sup>, de quem observava o trabalho e com quem manteve contato pela vida adulta. E foi justamente quando sua família fechou a olaria que ele assistiu à chegada daqueles estranhos vizinhos que se instalaram no terreno ao lado de sua casa. Diante da movimentação inusitada, Toledo abordou um dos recém-chegados, Toninho Cordeiro, que lhe contou o que o grupo ia fazer ali. Toledo logo se interessou.

Recebida a proposta de trabalho, ele começou imediatamente a participar. “No começo, eu preparava o barro para eles. Em troca, eles me deixavam, na parte da tarde, usar o torno e fazer minhas peças”, conta. “Quem mais me orientava era o Toshiyuki. Quando passava por mim ele parava, dizia palavras de incentivo para que eu continuasse, ensinava como fazer, dava dicas do torno, que era manual, difícil de manejar. E eu fui pegando gosto naquele trabalho”.

Como não havia torno para ele, Toshiyuki orientou-o para, à sua maneira, construir seu torno, usando uma roda de carro, lembra Mieke. Toledo construiu-o rapidamente. Foi o primeiro aprendiz do grupo do Matadouro e costumava acompanhar os Ukeseki em suas compras na cidade, pois eles tinham ainda muita dificuldade com a língua portuguesa.

---

<sup>2</sup> As antigas panelas de Cunha sucederam os índios Tupi-Guaranis como representantes da cerâmica de Cunha, como observa Alberto Cidraes. Na época em que o grupo do Matadouro se instalou na cidade, o trabalho das panelas já estava em declínio.

Nessa altura, Mieko e Toshiyuki receberam a visita de um amigo, Shugo Izumi, hoje ceramista, que trabalhava como agrônomo em Suzano, São Paulo. Ele havia chegado do Japão na mesma época que os Ukeseki, indo trabalhar numa plantação de rosas. Mas ficou muito intoxicado com os produtos químicos usados no plantio das flores e, sozinho no país, pediu abrigo ao casal enquanto durasse o tratamento de saúde de que precisava. Melhorando um pouco, começou também a fazer cerâmica com Toshiyuki.<sup>3</sup>

Por sugestão de Toshiyuki, Izumi e Toledo se associaram na construção de um forno. “Aprendam primeiro a fazer um forno para depois virarem ceramistas”, teria dito ele. Aceitando a sugestão, Izumi e Toledo se puseram a montar um forno de tijolos comuns que, “verdade seja dita”, lembra Toledo, “quase desmoronou na primeira queima, tal a quantidade de fogo que nele pusemos. Foi um grande aprendizado”.

Enquanto isso Mieko e Toshiyuki tentavam descobrir uma maneira de vencer as dificuldades financeiras, que cresciam dia-a-dia. Decidiram recorrer a Megumi Yuasa<sup>4</sup>, ceramista que haviam conhecido no período passado em São Paulo. Explicaram a ele a necessidade de vender seu trabalho. Megumi se comprometeu a convidar a comunidade artística japonesa de São Paulo para uma abertura de fornada em Cunha. E conseguiu que o jornal O Estado de São Paulo publicasse uma nota a respeito. Assim, em abril de 1976 o grupo do Matadouro fez a segunda queima, preparando-se para uma abertura pública de fornada. “Éramos eu, Toshiyuki, Rubi, Luís Toledo e Izumi”, lembra Mieko. “Recebemos muitos artistas, muita gente. Vendemos uma grande quantidade de peças e, com esse dinheiro, instalamos a rede elétrica e equipamos a casa com móveis e aparelhos de segunda mão”.



Abertura de forno 1976 - a partir da esquerda: Mieko, Luís Toledo, Rubi, Izumi, Toshiyuki, Shizu e Sangmi.

<sup>3</sup> Shugo Izumi viveu no matadouro por cerca de seis meses. Depois foi para Atibaia e construiu seu próprio forno, onde trabalha até hoje como ceramista profissional.

Mas a ajuda de Megumi foi ainda além: ele encomendou um painel para Toshiyuki, a ser instalado na sede do jornal O Estado de São Paulo, em um prédio que estava em fase de acabamento na marginal do Tietê. Esse trabalho trouxe um pouco mais de recursos financeiros aos Ukeseki e tornou possível comprar uma caminhonete rural para facilitar as viagens para o Rio de Janeiro e São Paulo para vender a produção feita em Cunha.

No final de 1976 Alberto Cidraes voltou de Portugal, integrou-se novamente ao Matadouro e começou a desenvolver um projeto de divulgação do trabalho feito ali, marcando exposições fora de Cunha. Surgira nesse momento uma galeria só de cerâmica em São Paulo, a Toki, e outras galerias passaram a se mostrar, pouco a pouco, mais receptivas à cerâmica artística. Novos ceramistas haviam começado a produzir em São Paulo, trabalhando com alta temperatura e com técnica japonesa, embora a maioria usasse forno a gás. Muitos haviam aprendido com Megumi, outros se formaram fora do Brasil. Foi um momento de crescimento da cerâmica brasileira. Multiplicavam-se as exposições coletivas de trabalho. Os ceramistas do Matadouro levavam seus produtos a essas exposições e, também, o nome de Cunha. Segundo Mieko, essa intensa movimentação teve como consequência o crescimento do público que apreciava a cerâmica artística no país e a situação do grupo cunhense começou a melhorar. O nome da cidade tornou-se mais conhecido. Mas, como concordam todos os que viveram essa época, era sempre muito difícil ter de sair de Cunha para tentar vender os trabalhos.

### **A segunda diáspora e a chegada de novos aprendizes**

“Em 1977”, conta Cidraes, “Mieko separou-se do marido e foi morar e trabalhar em Teresópolis, com Vicco Cordeiro. Ficamos eu e Toshiyuki, que éramos e ainda somos muito amigos. Alguns meses depois Maria Estrela voltou ao Brasil e durante um tempo éramos nós três a produzir peças. O Luíz Toledo, que continuava a trabalhar ali, foi o primeiro torneiro que tivemos”.

Instalada em Teresópolis, Mieko continuava a queimar em forno Noborigama. Ela, Vicco e Toninho Cordeiro divulgavam sua produção no Rio de Janeiro, onde não havia, nesse momento, nenhum ceramista de técnica Noborigama. “Novamente tivemos de começar do zero, enfrentando o desconhecimento do público e lutando para abrir caminho”, conta ela. “Com o tempo conseguimos colocar as peças em algumas galerias, vender em lojas de decoração e junto a arquitetos, que introduziam a cerâmica em suas construções. Fizemos também algumas exposições no Rio e passamos a receber encomendas. A divulgação do trabalho se expandiu e chegou a diversas cidades do Estado”. Foi assim durante três anos, até que Mieko resolvesse voltar para Cunha.

No Matadouro, Alberto Cidraes e Maria Estrela eram ajudados por Toledo que, nos primeiros tempos,

---

<sup>4</sup> Megumi Yuasa, um dos mais importantes ceramistas no cenário brasileiro, foi o responsável pela formação, em São Paulo, de grande parte dos ceramistas profissionais em atividade hoje.

queimava em seu forno primitivo, construído no barranco, para experiência. “Era um forno de panelas”, lembra ele. “Fiz depois um segundo forno, mais moderno, porque nesse forno primitivo eu estava perdendo muitas peças. O terceiro já foi um Noborigama, de uma câmara só, mas ainda de tijolo comum, e ali queimava peças em baixa temperatura, a 900 graus, e peças polidas, biscoito polido”. Em 1980 Toledo montou seu próprio ateliê, no espaço vizinho ao Matadouro, embora continuasse a produzir no torno para Alberto. Mas a atividade paralela que desenvolvia, ainda nos tempos de seu forno primitivo, impedia que ele se dedicasse inteiramente ao trabalho no Matadouro. Em compensação, outro jovem cunhense - Leí César Galvão - que aos 16 anos fazia o Colegial na escola pública da cidade, começava a rondar as vizinhanças do Matadouro. Do lado de fora admirava as peças e perguntava aos moradores vizinhos se não haveria ali espaço para ele também trabalhar com barro.



Forno do Antigo Matadouro, reformado por Cidraes em 1978

“Uma vez um desses vizinhos - na verdade, um irmão de Toledo - disse que talvez houvesse trabalho ali e que eu deveria entrar e conversar”, conta Leí, hoje com 42 anos de idade e desde 1988 com ateliê próprio, dele e de Augusto Campos. “Tomei coragem, entrei e quem me recebeu foi o Alberto Cidraes. Ele me deixou animado ao me aceitar, pois eu desejava muito trabalhar com barro. Quando criança, na roça, havia uma olaria de tijolos no terreno do meu pai e a transformação do barro sempre me atraiu. Conhecia algumas panelas e também um homem que fazia telhas nas coxas e que, como tinha essa habilidade, produzia também algumas peças que as panelas mulheres faziam, o que não era comum. O trabalho com barro sempre me impressionou muito. Parecia um milagre que com um punhado amorfo de barro você pudesse criar uma forma, disso vir da terra, de alguém tirar seu sustento do barro em que a gente pisa. Além do mais, cresci pisando na lama da chuva e usando dentro de casa utensílios de barro para guardar a água e cozinhar”, recorda Leí.

Seu trabalho no Matadouro era braçal - preparar o barro, limpar o forno, rachar lenha - mas depois do expediente ele tinha permissão para tornear o barro. Aprendia basicamente pela observação dos profissionais

trabalhando, embora Alberto Cidraes também lhe fornecesse informações. “Tive o privilégio de conhecer o Toshiyuki e admirei muito aquela persistência, a determinação e a delicadeza orientais com que ele trabalhava. Lembro dele produzindo peças, preparando as queimas e isso foi muito importante para mim. Aprendi bastante sobre a parte técnica da produção e do trabalho no torno”, reconhece.

Embora apreciasse o trabalho no Matadouro, Leí acalentava o desejo de cursar uma faculdade, e não havia em Cunha essa possibilidade. Até que um dia um casal que já trabalhava com cerâmica chegou para um estágio com Alberto Cidraes. Leí tornou-se amigo deles. “O rapaz era professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, eles moravam lá e, diante do meu interesse pela cerâmica, me convidaram a morar com eles e ter, assim, a possibilidade de acesso ao curso de Artes. Aceitei o apoio, fui e cursei a Faculdade. Mas, como em toda faculdade de Artes, o curso de cerâmica era bem superficial, já que o enfoque maior estava em desenho e pintura. Mesmo assim o curso ampliou meus conhecimentos, me proporcionou crescimento pessoal e me abriu uma nova visão de mundo”, reconhece Leí.

Ainda em 1978 Toshiyuki deixou o Matadouro, rumo a São Paulo, depois ao Japão, onde continuou a trabalhar como ceramista. Alberto Cidraes e Maria Estrela compraram a parte dele e de Mieko na sociedade. Desse momento até 1984 ficaram apenas os dois no ateliê e foi aí que decidiram chamar o local em que trabalhavam de Atelier do Antigo Matadouro, com logotipo próprio, identificando o trabalho produzido por eles.<sup>5</sup>

Em 1981 foi a vez de Augusto Campos chegar ao Antigo Matadouro. Tinha 16 anos, seu pai havia vendido o sítio onde ele passara a infância e Augusto precisava arranjar um emprego na cidade.

“Foi o Leí, que já estava no Antigo Matadouro, quem me indicou para trabalhar lá” relembra Augusto. “Entre para ficar dois meses, com as funções de preparar barro, limpar forno, mas acabei ficando muito mais tempo. Por curiosidade, depois do expediente eu também ia mexer com o barro e trabalhar no torno. Em pouco tempo começaram a sair peças que o Cidraes deve ter achado interessantes, pois me incentivou a fazer mais. Também me explicava coisas, ensinava. E passou a queimar minhas peças e colocar à venda no ateliê. Moleque que eu era, não dava muito valor para isso, tanto que tenho só uma pecinha daquela época. Hoje é que vejo como foi importante esse período. Quando cheguei só estavam o Alberto Cidraes e a Maria Estrela no ateliê, um ano depois a Mieko voltou do Rio e cheguei a trabalhar um pouco com ela também”, conta Augusto.

Só em 1988, quando Leí Galvão estava no último ano do curso de Artes em Juiz de Fora, ele e Augusto decidiram construir um ateliê em Cunha. Os amigos lembram que, no começo, faziam seu trabalho sob a influência da cerâmica das paneleiras, da cerâmica indígena, tanto no tipo de forno quanto no acabamento das peças. Tempos depois é que partiram para a cerâmica de alta temperatura.

---

<sup>5</sup> Em 1984 Alberto Cidraes e Maria Estrela saíram do Matadouro, a pedido da prefeitura, compraram uma propriedade na cidade e nela instalaram o Ateliê do Antigo Matadouro. Hoje, além da residência, do ateliê e do forno, Alberto construiu na propriedade um ateliê-albergue para receber alunos que vêm de outras cidades para frequentar seus cursos e workshops.

### **A resistência: viver com pouco e trabalhar muito**

Em 1981 Mieko voltou a Cunha e foi recebida por Alberto Cidraes e Maria Estrela, que lhe deram apoio e convidaram-na para morar no Antigo Matadouro por alguns meses, até que ela comprasse sua propriedade na cidade, onde está até hoje, e construísse seu próprio forno.

“Eu mesma fiz o projeto do forno”, conta Mieko, “contratei o Leí Galvão, que também era pedreiro, para construir e comecei a produzir, ainda em 1981. Um tempo depois Mário veio para Cunha por meio do Banco do Brasil e queria se desenvolver como artista plástico, que é a sua formação. Nós nos casamos e ele passou a trabalhar no mesmo espaço, cada um fazendo o seu trabalho e queimando junto”.



Fundação para forno Noborigama



Aberturas na base para passagem das chamas



Frente do forno ou boca do forno

Mário Konishi trabalhava no Banco do Brasil e cursava a Faculdade de Belas Artes em São Paulo na década de 1970 quando conheceu um cunhense, Pedro Velloso, colega de classe. Velloso convidou-o para vir a Cunha e conhecer o pessoal que morava e produzia no Matadouro. “Fiquei muito admirado com aquilo que parecia uma maluquice, aquele grupo de ceramistas se fixando num lugar distante, levando uma vida absolutamente despojada, de muito trabalho braçal, as mulheres socando barro de pé naquele monjolo...”, lembra Mário. “O que eles faziam aqui era algo muito diferente do que víamos na faculdade de Belas Artes, onde a gente praticamente brincava com barro. Aqui ele produziam esculturas. Era uma outra visão de cerâmica”.

Assim, Mário, que já tinha duas idéias fixas - sair de São Paulo e deixar de trabalhar em banco - colocou uma terceira idéia na cabeça: “no futuro, eu também vou fazer isso”. Na Faculdade ele se sentia um mero consumidor de cursos, sem possibilidade de realizar alguma coisa na prática. “E eu já me interessava por escultura, tanto que fazia cursos que trabalhavam o movimento de capoeira, dança, teatro”, explica. “Achava que para fazer escultura deveria antes conhecer meu próprio corpo, saber me expressar por meio dele para colocar essa expressão no trabalho”.

Para sua sorte, o Banco do Brasil abriu uma filial em Cunha e, em 1984, Mário pediu transferência para cá. O desejo de sair de São Paulo estava realizado. Faltava ainda poder deixar o banco e viver de cerâmica. Não foi tão fácil quanto imaginava. Ao chegar a Cunha, Mário reconheceu que não sabia praticamente nada do ofício. E teve que ir fazendo e aprendendo durante quatro anos até perceber que já era possível dedicar-se apenas ao barro. Mas foram necessários ainda mais alguns anos para que se considerasse um ceramista. “Esse ateliê que fiz aqui para mim, há cinco anos, é o marco do momento a partir do qual me senti realmente um ceramista”.

No início de 1985 Maria Estrela e Alberto Cidraes viajaram novamente a Portugal, por um ano, para realizar exposições em Lisboa e no Porto. Antes de partir, fizeram uma proposta a Augusto Campos: ele ficaria como sócio deles durante aquele ano, poderia usar a carteira de clientes do ateliê, o local de trabalho, os esmaltes e os materiais necessários à produção. Com isso Augusto produziria as peças e as venderia, sendo que 50% do que ganhasse seriam dele, os outros 50%, de Alberto e Maria Estrela.<sup>6</sup>

Assim Augusto, que já modelava grande parte das peças do ateliê, começou a trabalhar no forno também. Isso lhe permitiu uma descoberta de grande importância. “O trabalho com a queima e as cores, que mudam completamente, me encantou”, lembra ele. “Foi aí, ao tocar o ateliê sozinho, participar de todo o processo de produção e ver o resultado final do trabalho, que passei a me achar capaz de ser um ceramista. Na pintura das peças, fui quebrando a cara sozinho. Tive de refazer quase inteiramente minha primeira queima porque deu tudo errado. Quem me fornecia algum apoio era o Gilberto Jardineiro, que acabara de chegar do Japão, e eu também escrevia para o Cidraes, chorando que havia acontecido isso e aquilo”.

Prontas as peças, Augusto passou a viajar para tentar vendê-las no Rio de Janeiro e em São Paulo, procurando as pessoas que já compravam do Antigo Matadouro. “Nunca tinha saído de Cunha até então, precisava ir com alguém ao lado, pois não conhecia nada. O Alberto havia me deixado o carro, dizendo: 'São Paulo é por ali, o Rio é por ali, se vira!'. Na primeira viagem que fiz, ao Rio de Janeiro, vendi apenas uma peça, um cinzeiro. E quase desisti de tudo”, conta Augusto.

Assim como ele, os ceramistas de Cunha lembram sem nenhuma saudade dos tempos em que enchiam o carro de peças e carregavam sua produção em sacolas, percorrendo as galerias e lojas de presentes à procura de quem se interessasse por elas.

### **Um passo à frente na comercialização da cerâmica**

Mieko conta que, em 1976, ainda bem no início do trabalho em Cunha, ela carregava pesadas sacolas

<sup>6</sup> Em 1987 Alberto foi convidado a montar o departamento de cerâmica da escola de arte AR.CO-Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa, mantida por uma cooperativa de artistas, onde permaneceu até 1990. De lá viajou novamente para o Japão com uma bolsa da Fundação Japão, trabalhando durante um ano na Universidade e realizando diversas exposições. Em seguida foi convidado a trabalhar em um centro de artes da municipalidade de Togi. Ao mesmo tempo começou a dar aulas em uma filial no Japão da Parsons School of Design, de Nova York e lá ficou até 2002, quando retornou a Cunha.

pelas lojas do bairro da Liberdade, em São Paulo, onde vive uma grande colônia japonesa, batendo na porta das lojas e pedindo para deixar algumas peças, em consignação. Mais para o final da década, com o trabalho de divulgação feito no Rio por ela e pelos irmãos Cordeiro, e em São Paulo por Alberto Cidraes, as coisas começaram a melhorar, com um afluxo maior de compradores a Cunha. Mas foi mesmo a partir da segunda metade da década de 1980 que os ceramistas finalmente se libertaram das viagens de venda, conseguindo que os compradores visitassem seus ateliês e adquirissem toda a sua produção aqui.

Grande parte dessa realização é devida ao casal de ceramistas Gilberto Jardineiro e Kimiko Suenaga, que se instalaram em Cunha em 1984. Jardineiro era amigo dos Cordeiro e, nos anos 1970, havia integrado o grupo Takê com Maria Estrela, Alberto e Toninho, na experiência vivida em Cachaprego, na Bahía. Esteve presente também em Cunha quando o grupo de ceramistas recém-instalado realizou aqui sua primeira queima. Mas o que Jardineiro realmente queria naquela época era conhecer o mundo e ele logo partiu em uma viagem que durou nove anos, percorrendo dezenas de países e aportando finalmente no Japão, onde se casou com a ceramista Kimiko e aprendeu a fazer cerâmica.

Ele conta que, em 1985, já instalado em Cunha, montou seu primeiro forno Noborigama e até 1988 ele e Kimiko gastaram grande parte do tempo resolvendo as dificuldades técnicas relativas à regulação da temperatura e aos tipos de esmalte que deveriam usar. Durante esses anos, após cada queima, Jardineiro acomodava no carro a produção obtida e rumava para o Rio ou São Paulo para vender as peças. Kimiko tinha de ficar em casa, cuidando dos filhos pequenos. “Eu saía de Cunha”, lembra, “e daqui até à Dutra ia tratando de mudar minha cabeça, dizendo a mim mesmo que a gente fazia uma cerâmica legal, as pessoas gostavam, e eu ia ter de chegar a São Paulo, tirar as peças do carro, subir escadas, oferecê-las aos lojistas e discutir preço”. Para ele, essa era a questão mais difícil, sempre, porque os lojistas não viam a cerâmica como obra de arte e sim como mercadoria. E insistiam em regatear o preço, argumentando: “Se levo uma peça quero pagar tanto, se levo duas quero o dobro do desconto, se levo tudo...”. Quando voltava das viagens, Jardineiro se sentia metade feliz, porque tinha dinheiro para chegar até à próxima queima, “mas a outra metade de mim vinha chorando, porque ver a cerâmica que a gente estava fazendo como mercadoria era um crime. Além disso, vendendo para o lojista não era possível conhecer o comprador, que é a pessoa que se identifica com o ceramista”.

Então, em 1988, depois de uma queima que tinha dado certo, com a temperatura subindo tudo o que precisava, na véspera de abrir o forno ele tomou uma importante iniciativa: sentou-se e escreveu 50 convites, à mão, dizendo que ia abrir o forno e uma garrafa de vinho e chamando os amigos de Cunha para compartilhar. “Eles vieram e foi sensacional”, conta Jardineiro, “porque Kimiko e eu, até então muito envolvidos com o olhar técnico - o esmalte escorreu nesta pontinha, aqui faltou cor - vimos que os amigos nem se preocupavam com isso, diziam apenas 'olha aqui que interessante, veja que bonito ...'. Foi um deslumbramento”.

A partir daí ele e Kimiko passaram a abrir forno em janeiro/fevereiro, no verão, e em julho, no inverno,

sempre convidando pessoas para virem a Cunha. A intenção era escapar do lojista, que só valoriza o aspecto comercial e o lucro que possa ter, e fazer contato direto com o comprador. Para realizar essa empreitada, Jardineiro passou dois ou três anos assinando vários jornais e anotando os nomes de todas as pessoas que pudessem se interessar por cerâmica: o diretor de um museu em Jacareí, por exemplo, os médicos de São José dos Campos, os diretores de escola de Taubaté. Depois ele comprava a lista telefônica dessas cidade, obtinha o endereço das pessoas que havia listado e mandava-lhes convites para assistirem a uma abertura de forno. “Mesmo que não viessem”, observa Jardineiro, “passavam a saber que a gente existia e estava aqui trabalhando e abrindo forno. Fiz primeiro um bom cadastro das cidades próximas a Cunha, depois fui me estendendo para São Paulo e cheguei a formar um cadastro de nove mil nomes e endereços. Passava boa parte do meu tempo fazendo isso. E convidávamos as pessoas de Cunha também”.

“Nunca deixou de vir gente”, conta Kimiko. “No começo eram 20, 30, 50 pessoas. Agora recebemos cerca de 400 pessoas em cada abertura de forno”. Informados pelo casal da existência de outros ceramistas em Cunha, os convidados interessavam-se em visitar outros ateliês, onde também compravam. Com o tempo, outros ceramistas adotaram a fórmula da abertura de fornada e passaram a trazer seus próprios convidados.

A partir de 1992, com base em um programa desenvolvido pelo Sebrae para levantamento das potencialidades da cidade e criação de instrumentos para explorá-las, formaram-se grupos na sociedade civil cunhense que passaram a realizar programas de desenvolvimento em diversas áreas. Gilberto Jardineiro ligou-se ao grupo encarregado de trabalhar com o incremento do turismo. Em julho de 1993 esse grupo realizou a 1ª Temporada de Inverno de Cunha. Essa festa, que hoje é chamada Festival de Inverno, não parou mais de se realizar e contribuiu muito para o fortalecimento do turismo em Cunha. A produção dos ceramistas da cidade, vista cada vez por mais gente, passou a se escoar a partir de seus próprios ateliês, não sendo mais necessário que eles saíssem daqui para vendê-la.

### **A influência brasileira na produção Noborigama de Cunha**

Foi muito intenso o impacto da natureza e da cultura brasileiras sobre os ceramistas de origem japonesa que vieram para Cunha. Kimiko Suenaga, que aos 20 anos começou a aprender cerâmica e já tinha ateliê próprio em Tóquio quando conheceu Gilberto Jardineiro, atribui valor e importância à maneira cordial com que foi recebida e à liberdade de criação de que os artistas gozam em nosso país.

Ela explica que no Japão há uma quantidade enorme de ceramistas. “A concorrência é fortíssima, há muita informação circulando, a toda hora há exposição de vários artistas e tecnicamente o nível é bem alto”. O resultado é que se torna meio sufocante trabalhar nesse meio. Por isso, mesmo antes de encontrar o Gilberto eu tinha planos de ir trabalhar em outro lugar, México ou Canadá, talvez. Também queria conhecer outra cultura,

diferente da japonesa”, confessa.

Para ela tudo isso deu certo a partir de 1984, quando eles se estabeleceram em Cunha. “Não foi nada difícil me adaptar; havia a natureza, muito barulho de cavalos, muita poeira. E fui bem recebida, mesmo sem falar português e sem entender nada. Nunca me senti estrangeira aqui. O Brasil tem essa generosidade de aceitar todo mundo”.

Embora em Cunha já houvesse um núcleo de ceramistas - bem pequeno se comparado aos padrões japoneses - Kimiko reconhece que teve sempre uma grande liberdade para trabalhar e para viver. “Aqui há todo tipo de raça, de cultura, de modo de vida. Ninguém diz que você não pode fazer alguma coisa, e isso é muito positivo para a vida e para a cerâmica também. Outra coisa muito legal é o contato direto com a natureza, tão vigorosa. Na primeira vez que desci para Parati fiquei encantada com o vigor da mata que rodeia a estrada, com a vida que existe ali, e isso motiva e inspira para fazer cerâmica”.

Mieko Ukeseki concorda, declarando que o Brasil modificou nitidamente o seu trabalho. “Vivi quase 30 anos no Japão”, conta ela, “numa sociedade culturalmente muito diferente da brasileira. No Japão a sociedade é fechada, homem é assim, mulher é assim, cerâmica é assim e ponto final. Mesmo os mestres herdeiros de séculos de tradição da cerâmica produzem sempre a mesma coisa. E a gente não aceitava essas limitações, queria escolher o material que ia usar, as formas que ia modelar. De repente conheci o Brasil, em Cunha, e a partir daí podia ir onde quisesse, fazer o que quisesse, não havia limitação alguma. Isso me abriu como pessoa, me deu uma grande força e ajudou muito a me desenvolver no trabalho, a criar. Neste país as pessoas podem se expressar, há abundância de recursos naturais, de paisagens, tudo isso que posso observar e usar e que serve como ponto de partida para minha criação. Aqui posso ter meu ateliê e criar de forma mais arrojada. Também conheci muitos artistas fantásticos - pintores, escultores, ceramistas - o que foi muito importante porque eu sempre aprendi com outros artistas. Trocar idéias e me comunicar gera energia para aplicar no trabalho. Até meus hábitos e minha maneira de pensar mudaram. Cresci e amadureci muito neste país, e meu trabalho também”, afirma ela.

O processo que se desencadeou em Cunha a partir da chegada de dois casais de ceramistas, um português e outro japonês, estabelecendo contato com uma população de tradição rural, representou um casamento de culturas muito interessante, avalia Alberto Cidraes. “E esse casamento prova que se consumou pela existência dos ateliês do Luíz Toledo e do Leí e Augusto”, explica ele. “O trabalho do Luíz Toledo incorporou o mágico da cultura local, o mundo fantasmagórico da imaginação rural brasileira - fruto do choque entre os seres europeu e africano com a selva brasileira - mundo esse que existe na mitologia, na literatura e também nas histórias que o povo da roça conta, histórias meio fantásticas de assombração”. Sobre o trabalho de Leí e Augusto, Alberto afirma: “Conosco eles aprenderam essa harmonia das formas em conjunção com o material e, por si mesmos, através da experiência dinâmica que tiveram, levaram esse conhecimento para o mundo deles”,

avalia Cidraes. “Ambos haviam trazido da infância o mundo das paneleiras e isso está presente em seu trabalho. O trabalho das paneleiras é cerâmica utilitária e o deles também”.

### **A cerâmica de Cunha ou os ceramistas de Cunha?**

“Somos como uma árvore”, diz Alberto Cidraes, “cujos galhos se separam e depois se entrelaçam de novo”. Com isso ele está se referindo ao grupo de paulistas, portugueses e japoneses que se estabeleceram em Cunha e durante os últimos 30 anos se movimentaram para cá e para lá no Brasil e fora dele, mas acabaram sempre retornando. Com algumas exceções. Dois deles, os irmãos Cordeiro, jamais puderam retornar porque faleceram precocemente. Maria Estrela tem estado em Portugal nos últimos anos, acompanhando a filha dela e de Alberto, que cursa a Universidade. E Toshiyuki fixou-se definitivamente no Japão, trabalhando como ceramista.

Os demais continuam em Cunha e são reconhecidos como um grupo que já formou uma segunda geração de ceramistas de forno Noborigama e continua formando gente nessa técnica. E há quem se refira à produção desses ceramistas como “a cerâmica Noborigama de Cunha”.

Na opinião dos artistas, não existe uma cerâmica Noborigama de Cunha, mas sim os ceramistas Noborigama de Cunha. Para Alberto Cidraes, cada um tem a sua cerâmica. “Existe um traço de união entre os cinco fornos a lenha em atividade em Cunha, e por várias razões. Uma delas é o uso da técnica Noborigama, outra é que todos eles estão relacionados uns com os outros de alguma forma: ou se associaram em algum momento, ou aprenderam uns com os outros. Trata-se de um grupo muito interessante porque, há pouco tempo nos reunimos, depois de anos permeados por desentendimentos, para falar do que iríamos planejar para comemorar os 30 anos de cerâmica de forno Noborigama em Cunha, e foi uma reunião de uma harmonia ímpar. Esquecemos todos os pruridos e reconhecemos que constituímos, sim, um grupo com unidade cultural, sobretudo pela maneira de ver o trabalho e a vida”.

Gilberto Jardineiro considera que não existe de fato um grupo, se entendermos que isso signifique uma reunião de pessoas que discutem e conversam permanentemente sobre o trabalho. “Acho que existe um grupo de pessoas, cada uma no seu ateliê, fazendo seu trabalho de boa qualidade e isso é uma grande vitória, muito importante para Cunha, e que contribuiu para transformar a cidade”. É Jardineiro também, que se inclui na segunda leva de ceramistas de Cunha, quem acentua a diversidade de abordagens que existe no grupo sobre a cerâmica, um fator que, no passado, foi objeto de muitos desentendimentos entre eles. E cita a si mesmo e a Kimiko como exemplo. “Nós não aprendemos a fazer cerâmica aqui, meu forno é diferente em certos aspectos, a forma de trabalhar e de ver a cerâmica é diferente. Temos no ateliê nossa própria identidade. Isso no começo não era visto com naturalidade, era como se, por causa das diferenças, um se opusesse ao outro, o que tornava as

relações estranhas e, em alguns períodos, até conflitivas. O Alberto Cidraes, por exemplo, põe na cerâmica que produz a sua visão de arquiteto. A visão da Mieko é mais a da artista plástica e eu tenho a visão do ceramista independente do conceito de arte da cerâmica”.

Para Jardineiro não existe diferença entre a escultura e o utilitário. Mais ainda, ele não acredita que a peça de cerâmica carregue em si o conceito, que ela seja um veículo de transmissão de uma idéia. “Para mim”, diz ele, “ela é a essência de um trabalho. Não é só o que você olha e vê com a razão, tem que ver com o corpo, tem de ter uma relação física, e é aí que você descobre a beleza do que você não vê, a beleza interior da peça de cerâmica que só se revela quando se convive com ela. Trata-se de uma beleza cálida, parada, sem discurso, meio zen-budista. Essa cerâmica tem isso, porque ela é feita à mão, é queimada pelo fogo e contém a energia de cada um que nela trabalhou. E quando você abre o forno e está tudo isso junto é arrebatador”.

No ateliê de Mieko e Mário cada um assina suas próprias peças. “Poderíamos ter mais três empregados e produzir em série uma porção de peças”, diz Mário, “só que não é o que queremos. Quando conheci a Mieko ela fazia praticamente utilitários. Mas nossa forma de ver cerâmica foi mudando, e o pintor Antônio Carelli exerceu influência sobre isso ao nos convidar para participar do projeto Arte Litoral Norte. Esse projeto pretendia promover um movimento de formação de artistas e de uma visão de cerâmica como arte e não como uma arte menor, como ela costumava ser vista”.

Mário e Mieko consideram que, para sobreviver, é preciso fazer cerâmica utilitária, mas que não basta fazer apenas isso. “É preciso também que a gente se preocupe com um outro lado, o da criação artística, que é um processo muito exigente”, diz Mário. E explica: “É fácil fazer um copo, uma xícara. Fazer algo diferente é bem sofrido. Uma das coisas que fomos aprendendo é que o talento é fruto do trabalho. Existem alguns desafios que, se você não se dispuser a trabalhar, não pode aceitá-los. Um exemplo é o prêmio que a Mieko ganhou em Caraguatatuba, em 1986, pela maquete de Santo Antonio, padroeiro de Caraguatatuba, para ser transformada em um monumento de 20 metros de altura num morro na cidade. Tratava-se de um dos projetos desenvolvidos no Arte Litoral Norte, um concurso nacional para escolher uma maquete artística de Santo Antonio. Nem sabíamos quem era Santo Antonio e tivemos de trabalhar muito até criar as condições para desenvolver nossas propostas (Mário ganhou menção honrosa, junto com o arquiteto Ricardo Laterza, morador de Cunha, com sua maquete em cimento). Passamos a visitar igrejas para conhecer o santo, compramos livros sobre a vida dele e fizemos dezenas de ensaios até chegar ao resultado desejado. Foi preciso saber quem ele foi, seus valores, como foi sua vida, o significado de carregar uma criança no colo (que não é o menino Jesus como muitos pensam) para entender como representá-lo. A inspiração não cai do céu, vem com o trabalho. Aprendemos a nos aplicar nessa direção: estudar, pesquisar, nunca achar que estamos prontos. Saímos sempre para novas criações, só assim se obtém o amadurecimento que permite transformar o barro”.

### **Atração exercida por Cunha: novos ceramistas, outras técnicas**

A primeira vez que um forasteiro veio a Cunha especialmente pela sua cerâmica foi no início dos anos 70, antes da chegada dos pioneiros do antigo Matadouro. Esse forasteiro era um jovem de uma família de Parati, cidade que antes da construção da Rio-Santos era bastante isolada. Dalcir Ramiro de Alcântara, que ficou conhecido como escultor com o nome de Cizinho, conta que nas décadas de 60/70 havia um mercador cunhense que tinha uma carga de burros e, toda semana, chegava a Parati com produtos de Cunha e voltava para Cunha levando produtos de Parati. Entre esses produtos havia potes de cerâmica feitos pelas antigas paneleiras de Cunha, enegrecidos pelo uso nas roças e que chamavam a atenção dos novos moradores de Parati - os que haviam chegado após a construção da nova estrada, comprado casarões históricos e que queriam decorá-los com peças antigas.

“Eu também fiquei apaixonado por aquela forma, aquela cor”, conta Cizinho, “e perguntei ao mercador quem fazia essas peças. Ele me falou das paneleiras e pedi para que me levasse até elas, em Cunha. Assim fui parar na casa de dona Annúncia, no caminho de Campos Novos, uma senhora negra, de mais de 80 anos, que morava num canto da roça, e fazia tudo sozinha. Ela me recebeu e me mostrou seu trabalho, aquela cerâmica utilitária remanescente da cultura indígena”.

Nesse mesmo dia Cizinho conseguiu que a sobrinha de dona Annúncia, sentada no chão do terreiro, mostrasse como se produzia um pote. Era tudo feito na mão, usando apenas três ferramentas: um sabugo de milho, um pedaço de cuia de cabaça e uma pedrinha de cachoeira. “São as ferramentas com que trabalho até hoje e ensino a todos os meus alunos, aqui, na Itália, nos Estados Unidos”, conta Cizinho. “E quem pega isso nunca mais solta”.

Cizinho, que desde a sua juventude vive exclusivamente de fazer cerâmica, não usa torno e queima a maior parte de suas esculturas em forno a gás. Mas tem também um forno Anagama - um Noborigama de uma só câmara, com fornalha e chaminé, feito por Luíz Toledo e por ele. O forno é apenas uma das diversas trocas que ocorreram nos últimos 30 anos entre ele e os pioneiros do antigo Matadouro, cuja trajetória ele acompanha desde o dia em que se instalaram em Cunha.

Amigo de todos, Cizinho participou ativamente do trabalho de divulgação da cerâmica que Alberto Cidraes empreendeu na década de 80, expondo nas mesmas mostras, presente aos mesmos movimentos e organizando em Parati três exposições do trabalho dos ceramistas de Cunha que fizeram história na cidade. Hoje Cizinho, que se considera um herdeiro contemporâneo das paneleiras, já formou muitos ceramistas em sua cidade e continua formando, com o objetivo de transformar Parati em um pólo cerâmico. “Pena que não se possa formar novas paneleiras”, lamenta ele.

Independentemente de suas paneleiras, a região de Cunha tem exercido uma grande atração sobre

quem a conhece. Ostenta belezas naturais incontestáveis - a riqueza e a suavidade da mata Atlântica, a profusão de nascentes, rios e cachoeiras, as vistas panorâmicas, o clima de montanha - e, por ter permanecido fechada por muito tempo, sempre à margem do desenvolvimento industrial das cidades do Vale do Paraíba que ladeiam a via Dutra, preserva muito de uma cultura antiga, um sossego quase colonial. Esse ambiente, buscado pelo núcleo pioneiro de ceramistas que se instalaram em Cunha em meados dos anos 70, continua encantando legiões de paulistas e cariocas de todas as profissões que aqui constroem suas casas de férias e instalam sítios e fazendas em estradas onde o transporte ainda pode ser feito em lombos de burro.

Essas características, que definem um estilo de vida apreciado por artistas, somadas à presença de um forte núcleo de ceramistas Noborigama na região têm sido responsáveis também pela fixação em Cunha de uma nova leva de ceramistas que trabalham com outras técnicas.

O primeiro a tomar essa iniciativa foi Sami Khozam, amigo de Alberto Cidraes e de Mieko que, em 1987, saiu de Niterói, comprou um terreno em Cunha e mudou-se para cá, “buscando um princípio diferente, uma forma de trabalhar a cerâmica um pouco mais em paz”, como diz ele. Sami, que até então trabalhava com artes gráficas, começou a fazer cerâmica em 1982, em São Paulo, aprendendo a trabalhar no torno com mestre Lelé e aprendendo a queimar e a fazer esmalte com a ceramista Kimi Nii, em forno a gás e em alta temperatura.

Embora tenha gostado muito de morar e trabalhar em Cunha, as circunstâncias do país naquele momento determinaram que o sonho de Sami tivesse curta duração. “Vim exatamente no ano pós plano cruzado”, lembra ele. “Foi um período de ressaca, em que ninguém tinha dinheiro para comprar nada. Eu trabalhava aqui e levava minha produção para as lojas e galerias do Rio, mas tinha muita dificuldade para vender. Como estava distante do meu mercado, o custo para chegar até ele era muito alto, o que inviabilizou minha permanência em Cunha”. Um ano depois de ter chegado aqui, Sami voltou para Niterói, onde vive e trabalha até hoje. Mas mantém contato permanente com os amigos ceramistas de Cunha, cujo trabalho ajudou a divulgar na capital paulista.

Oito anos mais tarde, em 1995, Sandra Bernardini, paulistana que foi uma das primeiras alunas de torno de Lelé e há mais de 10 anos trabalhava com alta temperatura em forno a gás, veio visitar Cunha. Ia assistir a uma abertura de forno de Gilberto Jardineiro. “No meio cerâmico de São Paulo, antes de eu vir para cá, já se falava muito em Cunha”, conta Sandra. “Uma vez fiz um seminário de cerâmica no Embu, em São Paulo, e o Gilberto Jardineiro, que estava construindo o forno dele em Cunha, deu uma palestra. Mas não sabíamos nem onde era Cunha, se havia lugar para a gente se hospedar, até que veio ter aulas comigo uma moça que já havia estado aqui. Foi quando conseguimos chegar pela primeira vez”, lembra Sandra, que trouxe nessa ocasião um grupo de 10 alunas.

O grupo passou o fim de semana em uma pousada na zona rural e Sandra gostou muito da região. “Sempre quis viver no campo”, explica ela, “e para mim vida no campo é essa simplicidade daqui, não aquela vida

no campo do interior rico de São Paulo, com os caras andando naqueles carrões e montando mangalargas puro sangue”. Assim, pouco mais de um ano depois, Sandra e o marido já haviam comprado um sítio na região. Enquanto construía uma casa, recebeu a encomenda da pousada onde se hospedava regularmente para fazer todas as peças do café da manhã dos hóspedes. Fez o trabalho em seu ateliê em São Paulo.

Já instalada em seu sítio de fim de semana, Sandra passou a receber a visita de turistas que tinham visto sua cerâmica na pousada e queriam comprar peças. Foi preciso então trazer algumas peças de São Paulo e expô-las em uma estante, num cantinho da sala. Mas os visitantes, que cresciam em número, não se contentavam com as peças disponíveis e chegavam a abrir seu guarda-louças, querendo levar também os pratos e travessas que ela usava no dia-a-dia. “O jeito foi construir um ateliê no sítio e passar a produzir também nos finais de semana”, conta Sandra. “Então, como já tinha sítio, casa e ateliê aqui, além do sonho de morar na roça, em dezembro de 1999 resolvi mudar-me definitivamente para cá”.

Sandra se considera uma ceramista, não uma artista plástica, embora tenha formação em Artes Plásticas e especialização em desenho industrial. Para ela, fazer utilitários não é uma arte menor e pode ser até bem difícil quando se pretende que o utilitário seja bonito e funcional. Para fazê-lo bem é preciso estudar, diz Sandra, e exemplifica: um bule de café não pode deixar cair a tampa sobre a xícara quando o café é servido, nem permitir que o café escorra pelo bico, sujando a toalha. “Minha preocupação está centrada no binômio forma e função”, explica, “pois acho que a cerâmica deve fazer parte da vida diária das pessoas, já que é tão gostoso comer e beber em belos utilitários de cerâmica”.

Embora se considere uma ceramista profissional, Sandra divide seu tempo entre o trabalho no sítio onde cria vacas e tem uma horta orgânica e a produção de peças utilitárias e decorativas em forno a gás, em alta temperatura e raku.

Em 2001, mais dois ceramistas: Zahiro e Gitika Anand, se instalaram em Cunha. Zahiro, que há cerca de 12 anos produzia mosaicos de cerâmica na cidade de Indaiatuba, em São Paulo, para usar no tampo das mesas de ferro que fazia, resolveu visitar amigos ceramistas em Parati, entre os quais estava Cizinho, com quem ele e Gitika fizeram um curso. Esses amigos sugeriram que ele e a esposa viessem a Cunha para ver a cerâmica daqui.

O casal aceitou a sugestão e esteve pela primeira vez na cidade em fevereiro de 2001. Nessa visita, ambos acharam “a região lindíssima, o clima maravilhoso, um lugar propício ao desenvolvimento da espiritualidade, que é o que buscamos”, como lembra Gitika. Também conversaram longamente com Gilberto Jardineiro, que convenceu Zahiro a trabalhar com alta temperatura. De volta a Indaiatuba, ele comprou os materiais necessários à construção do novo forno, mas então ele e Gitika se deram conta de que, se montassem o forno em Indaiatuba, dificilmente se mudariam de lá e viriam para Cunha, que era o que desejavam.

“Assim, tratamos de nos apressar”, conta Gitika, “e no dia primeiro de junho de 2001 já estávamos morando aqui”. Foi a partir daí que os dois passaram a fazer exclusivamente cerâmica. Gitika é formada em

ciências exatas e trabalhava em laboratórios e escritórios até conhecer Zahiro. Ele sempre trabalhou com as mãos, primeiro em manutenção elétrica e eletrônica, depois com a produção de móveis de ferro. Hoje eles fazem cerâmica artística de alta temperatura e raku, produzindo peças decorativas e esculturas, ora juntos, ora cada um fazendo suas próprias peças. Sua produção é toda comercializada no ateliê de Cunha, o que eles consideram um dos pontos altos para quem trabalha aqui. É muito importante vender diretamente para o consumidor final, que valoriza as peças. Conversamos muito com o visitante e mostramos todo o processo de produção.

No mesmo ano de 2001 foi a vez do publicitário José Carlos Carvalho montar seu ateliê em Cunha, “para ter uma qualidade de vida melhor e fazer o que já vinha fazendo desde 1982 em São Paulo”, como diz ele. Nessa época, produzir cerâmica era ainda um hobby. Foi quando teve aulas de torno com mestre Lelé e passou a usar exclusivamente a alta temperatura, em forno a gás. “Então”, conta Carvalho, “abandonei a publicidade, onde havia desenvolvido larga experiência em agências nacionais e internacionais”. As primeiras idéias sobre o tipo de trabalho que faz em cerâmica até hoje surgiram a partir de 1995, ao ver uma exposição de ceramistas japoneses que veio ao Brasil. “Numa das peças havia uma sugestão de riscas na superfície”, conta ele, e essas ranhuras na superfície da cerâmica tornaram-se a base do seu trabalho. Elas são produzidas na hora do acabamento da peça, com ferramentas. Depois ele pode criar uma ilustração, com a aplicação de argila sobre o ranhurado, ou retirar partes das ranhuras para criar novos efeitos visuais.

Desde a década de 80 Carvalho tinha notícias de Cunha por meio da Sutaco-Superintendência de Trabalho Artesanal das Comunidades e por Sami Khozam, que em 1982 também freqüentava a escola de Lelé. Na década seguinte ele começou ir a Cunha e a cultivar a idéia de se mudar para lá. Seu ateliê na cidade está montado há quatro anos, mas ele ainda não pode se mudar definitivamente para Cunha. “Tenho uma escola em São Paulo, há 10 anos”, conta ele, “onde ensino as pessoas a trabalhar no torno, e ainda dependo em parte dela. Estou pensando em fazer um período intermediário antes de me mudar de vez, ficando uma semana aqui outra lá”, planeja.

Há três anos atrás um outro casal de ceramistas passou a ser presença constante em Cunha. Sandra e Cristiano Quirino começaram ocupando o ateliê de Alberto Cidraes, que estava morando no Japão. Com a volta de Alberto, o casal começou a instalação de seu próprio ateliê. Desde 1976 eles sabiam da existência dos ceramistas do antigo Matadouro por meio de amigos comuns. Nesse mesmo ano foram para a Inglaterra cursar arte na Escola Politécnica de Londres. Optaram pela cerâmica, que exigia os talentos de ambos - Sandra, com formação técnica, conhecia a química das matérias primas e dos esmaltes, Cristiano tinha 10 anos de trabalho em pintura e artes gráficas o que permitiria que trabalhassem juntos e autonomamente. Ainda em Londres eles conheceram Gilberto Jardineiro, que passava pela Inglaterra antes de ir para o Japão, e no ano seguinte conheceram Maria Estrela, quando ela fazia tecelagem junto com Jardineiro na Suécia.

Voltando a São Paulo, Cristiano pesquisou e construiu, em 1980, o primeiro forno a gás totalmente

brasileiro e o casal passou a se dedicar exclusivamente à cerâmica de alta temperatura. Nessa época hospedavam Maria Estrela e Alberto Cidraes quando o casal ia a São Paulo para vender suas peças e participavam juntos de várias exposições coletivas, ocasião em que os Quirino conheceram também Miekio Ukeseki e Vicente Cordeiro.

Por ter uma visão muito prática da vida, ao fazer cerâmica Sandra Quirino planeja, executa e espera resultados precisos do trabalho. Busca a perfeição dos objetos utilitários, sua especialidade desde o início, que devem ser bonitos e eficientes, e prefere trabalhar com forno a gás. Mais descontraído e romântico, Cristiano nunca teve muita paciência com o torno e se identifica mais com a técnica de modelagem manual. Prefere fazer objetos de arte ou de uso, sempre com muito desenho, e gosta de pegar carona nas queimas do Noborigama de Alberto Cidraes. Estes ceramistas, que há 12 anos saíram da capital paulista para morar e trabalhar na zona rural de Itupeva, em São Paulo, pensam em se instalar definitivamente na região de Cunha por haver aqui um grupo de ceramistas amigos e por ser esta uma estância climática que, ao contrário de outros municípios de São Paulo, vai ser preservada, acreditam.

### **A dispersão do Noborigama pela região**

Antonio Cordeiro, o Toninho, que havia deixado o Antigo Matadouro em 1976 junto com seu irmão Vicco rumo a Teresópolis, no Rio de Janeiro, foi em seguida para Miguel Pereira, também no Rio, onde construiu seu primeiro forno Noborigama, e logo depois para Caraguatatuba, litoral paulista, onde montou seu segundo forno e se instalou definitivamente até sua morte, em 1991.

Pesquisando e trabalhando em Caraguatatuba, Toninho chamou a atenção dos artistas plásticos Antônio Carelli e Sandra Mendes, que nessa época iniciavam o projeto Arte Litoral Norte. Em 1986 Toninho trouxe Carelli para conhecer os ceramistas de Cunha e este os convidou a participar de uma exposição coletiva em Caraguatatuba em 1987 - que teve grande repercussão na região - e a se envolverem com seu projeto de arte.

O Arte Litoral Norte se estendeu por mais de 10 anos com a participação dos ceramistas de Cunha e de outras localidades, como Mogi das Cruzes e São Paulo. Foram realizadas exposições, workshops e uma queima em praça pública, a céu aberto. Houve também a criação de um intercâmbio cultural com o AR.CO, escola de arte de Lisboa, Portugal, onde Alberto Cidraes tinha criado com Maria Estrela, em 1987, o departamento de cerâmica. Para o workshop de ceramistas brasileiros no AR.CO foram convidados Gilberto Jardineiro, Megumi Yuasa e Cristiano Quirino, além de Jeremy Fiennes, ceramista inglês com carreira no Brasil que se juntou a eles e, com os alunos, reconstruiu o forno Noborigama que havia sido construído em 1987 por Cidraes e Maria Estrela. Em contrapartida, o Arte Litoral Norte trouxe três alunos do AR.CO para estudar cerâmica em Cunha, que foram

acolhidos por três meses, em 1991, nos ateliês de Mieko Ukeseki e Kimiko Suenaga.

Após esse período, apenas Mieko e Mário Konishi entre os ceramistas de Cunha continuaram a participar do Arte Litoral Norte. Em 1993 eles permaneceram durante um mês em Caraguatatuba ministrando, junto com Carelli e Sandra, um curso de cerâmica em parceria com a Fundação Cultural da cidade. No ateliê de Carelli foi construído um forno a lenha (fornalha e uma câmara), onde os alunos queimaram suas peças. Posteriormente um desses alunos, Ben Hur Vernizzi, construiu seu próprio forno Noborigama e passou a dar cursos por meio da Fundação Cultural de Caraguatatuba. Entre seus muitos alunos, 10 deles já possuem fornos Noborigama e outros tipos de fornos a lenha. Dessa maneira, a cidade está se constituindo como um novo núcleo de ceramistas.

A par disso, ao longo dos anos, os ceramistas pioneiros de Cunha têm se empenhado em formar novos ceramistas entre os assistentes que trabalharam e trabalham em seus ateliês, além de acolher estudantes em estágios e realizar oficinas e workshops para alunos, ceramistas e pessoas interessadas em cerâmica.

### **Um importante pólo ceramista**

Cunha é hoje um importante pólo ceramista no país e, com seus cinco fornos a lenha, apresenta a maior concentração de Noborigamas da América do Sul. Outros fornos Noborigama com certeza serão construídos aqui - já que todos os que trabalham com essa técnica continuam formando novos ceramistas entre os jovens cunhenses e os estagiários que chegam de outras partes - e ceramistas que praticam outras técnicas continuarão a se instalar em Cunha, em busca das condições de vida que a região oferece e da possibilidade de troca de informações e idéias com o núcleo já existente.

A utopia que começou a se realizar com a instalação dos pioneiros no Matadouro e que prosperou graças à coragem e à resistência desses ceramistas para enfrentar as dificuldades e desafios vividos nas duas primeiras décadas reforça, nos dias atuais, a permanência do Noborigama “em sua ligação com a vida rural”, como diz Alberto Cidraes, “e como elemento cultural atuando na contramão da tendência para a globalização banalizante da cultura de massas”. Mais que isso, os valores e objetivos postos por esses pioneiros no início dessa empreitada continuam válidos. “A liberdade da criação individual, a pesquisa e a vivência do processo se praticam até hoje. E uma certa forma de ver o trabalho, centrada no Noborigama como um templo onde se opera uma transformação fundamental, continua sendo o traço de união entre os cinco ateliês mais antigos de Cunha”, explica ele.

Para Mieko Ukeseki, Cunha é também um importante centro de informação sobre cerâmica. “Atualmente quem vem a Cunha pode visitar mais de 10 ateliês, cada um com um trabalho diferente. Essa é uma das razões que torna muito positiva a existência de todo tipo de cerâmica sendo desenvolvida aqui, pois

fortalece Cunha como um pólo ceramista”, diz ela

Gilberto Jardineiro acredita que o pólo ceramista de Cunha tem hoje uma força muito grande, “é uma luz que ilumina a cerâmica em todo o Brasil”. Segundo ele, há 18 Noborigamas no país, sendo cinco em Cunha. Dos outros 13, sete tiveram aqui sua inspiração. Os outros fornos de alta temperatura do país são alimentados a gás e também produzem um bom trabalho no utilitário e no escultórico. “A cerâmica brasileira é algo muito impressionante em vitalidade e em ramificação”, diz.

Jardineiro enfatiza também as vantagens, para os ceramistas de Cunha, de a comercialização da produção ser feita na própria cidade. “É muito bom ter o seu próprio ateliê e receber as pessoas porque a maioria dos visitantes mostra uma relação com a cerâmica, ninguém fica indiferente. Em nosso ateliê, se a pessoa pergunta 'como é o barro?', a gente pega o barro, mostra como faz, diz 'isto é biscoito', e a pessoa acaba levando não apenas o objeto, mas seu valor agregado, a história do objeto. Isso dá uma divulgação fantástica, uma solidez ao ateliê. Principalmente com o brasileiro das grandes cidades, que não sabe mais que as coisas podem ser feitas à mão”, explica.

Ele lembra ainda que o crescimento dos ceramistas daqui coincidiu com o momento de Cunha se revelar como pólo turístico. “Assim, quem vinha para ver a cerâmica acabava descobrindo Cunha. A cerâmica serviu como ponta de lança, como divulgação da região. Sobretudo pela diversidade da produção dos ceramistas locais”.

Sami Khozam, que acompanhou o desenvolvimento da história da cerâmica em Cunha desde os primeiros anos, está convencido de que a criação do pólo ceramista de Cunha é um feito raro: “Esses 30 anos de cerâmica são uma realização que não é para qualquer um. Somos um país novo, sem tradição. Empresas aparecem e somem, gente indo e vindo, não conhecemos sequer artistas mais antigos, a gente perde a referência. Pois aí está uma história de 30 anos e as pessoas seguem com o que estão fazendo, é muito raro. Eu vi de perto e sei o que cada um deles doou da vida e de si para chegar onde chegou. E não estão aí à toa. São artistas consagrados, que conquistaram o respeito, nada lhes foi dado de graça. Merecem toda a nossa admiração.”

Para o escultor de Parati, Cizinho, a cerâmica de Cunha é “vitoriosa”. Ele diz que o grupo pioneiro do Matadouro “montou um mundo cerâmico representativo no Brasil”, que seu trabalho, de alta qualidade, sai daqui para as galerias de arte. “Cunha é um dos pólos mais importantes da contemporaneidade da cerâmica no país, que em toda parte é marcada por influências orientais muito fortes”.

Mas isso não basta para realizar os ceramistas de Cunha. Todos eles e não apenas o grupo do Noborigama acham que há, ainda, muito por fazer.

### **Como construir o futuro**

Na opinião de todos, é muito importante ampliar as possibilidades de mostrar seu trabalho e se comunicar com artistas de outras regiões. “Temos de sair, participar de exposições”, acredita Mieko. “O artista não pode ficar fechado num só lugar, tem de expor nas capitais do país e em outros países para se comunicar através do próprio trabalho. É um investimento. Pode-se não vender nada em uma exposição, o importante é o contato que se faz com um público diferente. O retorno pode demorar, mas esse público acabará vindo para Cunha. É nosso dever mostrar nosso trabalho lá fora. A arte tem de se comunicar, ampliar o público junto às pessoas que se interessam por cerâmica”.

Para Gilberto Jardineiro os ceramistas de Cunha estão vivendo agora a quarta fase de sua grande aventura, cada um com identidade própria e sem excluir o outro, empenhados em divulgar e registrar seu trabalho. Na etapa pioneira, diz ele, trabalhavam todos em volta do primeiro forno Noborigama, construído no antigo Matadouro; na segunda fase ocorreu a instalação dos ateliês individuais de cada um; a partir dos anos 90 a terceira fase se abre com a introdução do evento de abertura de fornada, atraindo para a cidade visitantes culturalmente interessados. “Acho que, daqui para a frente, a tendência é entrarmos na quarta fase, a das exposições fora de Cunha, dos convênios, da documentação do trabalho e de mostrar numa exposição coletiva o que significa essa cerâmica de alta temperatura, fruto do caldo cultural que aqui se criou e que pode projetar muito nosso trabalho”, diz ele.

Uma outra idéia partilhada por todos é que chegou o momento de tomar alguma iniciativa para preservar a reconhecida qualidade da cerâmica produzida aqui. Sandra Bernardini acha que “isso só será possível se fizermos uma associação de ceramistas, um espaço no qual as pessoas se entendam, tenham tempo para dialogar, trocar idéias e chegar a um consenso sobre o que fazer - a criação de um selo de qualidade, por exemplo”, lembra ela, resumindo a sugestão de muitos.

Alberto Cidraes concorda e vai além. “A conquista que temos de fazer agora é como grupo, num trabalho conjunto”, afirma ele, “e não apenas para divulgar nosso trabalho, mas para passar nosso conhecimento para outras gerações. Cunha deve tornar-se um pólo cultural de cerâmica cada vez mais desenvolvido. Isso permitirá criar aqui uma escola de cerâmica de nível superior. O corpo docente já existe, falta apenas a escola”.

E Cidraes não fica apenas no discurso. Desde o início de 2005 ele tem recebido em seu ateliê-albergue ceramistas e pessoas interessadas em cerâmica para oficinas participativas que se estendem por dois ou três dias e levam a elaboração dos trabalhos dos participantes até o ponto de queima, que Alberto realiza depois em seu Noborigama. Nele, como em todos os ceramistas de Cunha, continua viva a paixão que devotam ao ofício quase mágico de transformar o barro em objeto. Porque, como diz Cidraes, “barro é o chão que a gente pisa, e a gente pode transformar o chão em que pisa numa coisa digna de figurar na mesa dos reis”.

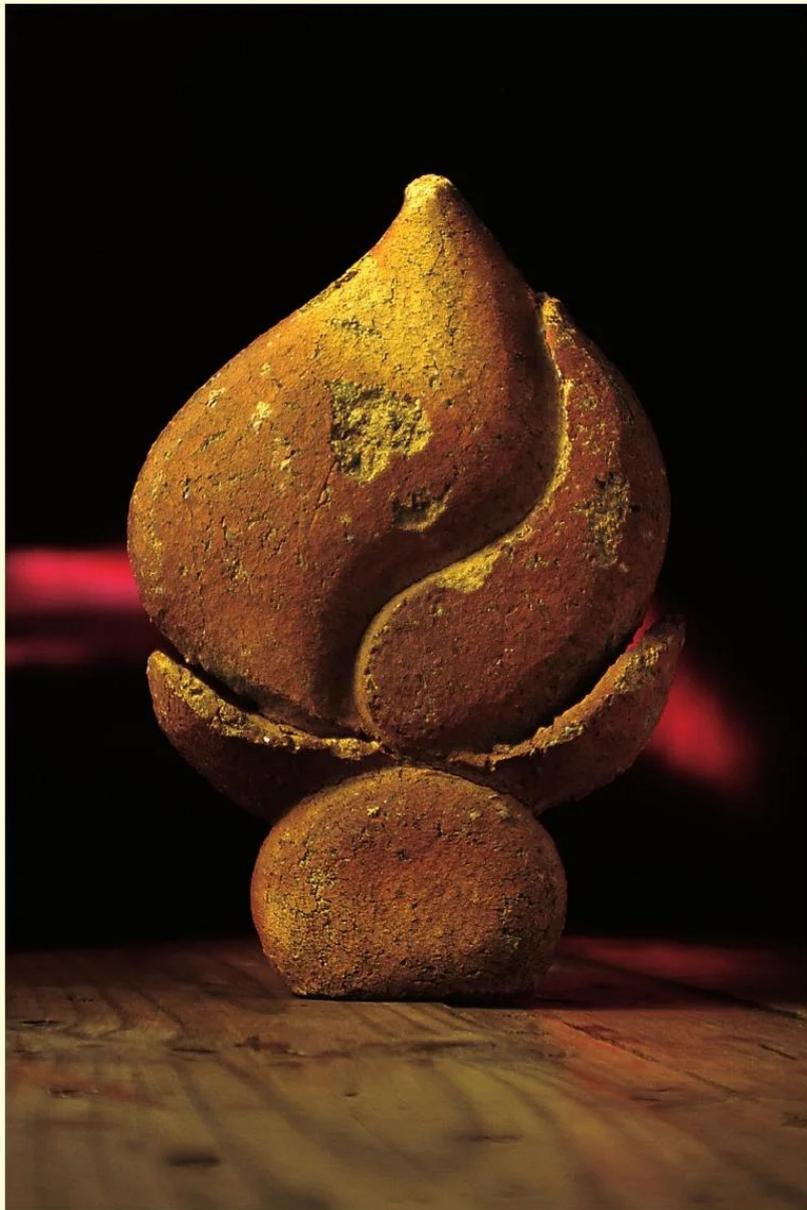
**e estes são os personagens...**



# **Homenagens**

**Toshiyuki Ukeseki**  
**Vicente de Paulo Cordeiro**  
**Antonio Cordeiro**  
**Annúncia dos Santos**  
**Benedita Olímpia de Abreu**

**Toshiyuki Ukeseki**



Homenagem

## **Toshiyuki Ukeseki**



Depois de uma carreira rápida como ceramista no Japão, veio para o Brasil em 1975, na esperança de desbravar terreno desconhecido e descobrir o novo.

Curioso e empreendedor, achou aqui uma realidade diferente e logo aplicou a ela seus dotes de construtor de idéias.

O primeiro forno Noborigama que edificou, em parceria com seus associados, foi um prodígio de adaptabilidade a circunstâncias desfavoráveis. Para todos os problemas, técnicos e logísticos, ele encontrava solução e foi graças a ele que o grupo inicial conseguiu fazer cerâmica no Matadouro, sem dinheiro, sem energia elétrica e sem mercado.

Sério e filosófico, encarava todas as questões com tranquilidade. Seu trabalho em cerâmica sofreu grande evolução no período de 3 anos que passou em Cunha. Desligado da referência japonesa, adotou uma postura experimental, criando de esculturas a peças utilitárias de mesa.

Apesar de sua estadia curta, a influência de Toshiyuki Ukeseki no panorama atual da cerâmica em Cunha, não pode ser subestimada. Na comemoração dos 30 anos, a sua figura flutua paradigmaticamente sobre nossas cabeças.

Em 1978, retornou para o Japão, onde deu continuidade ao seu trabalho como ceramista.

**texto:** Alberto Cidraes

**Vicco**



Homenagem Póstuma

## **Vicente de Paulo Cordeiro** (1944 - 1997)



### **irmão, irmões, uma questão de opiniões. "... pão, pães; uma questão de opiniões".**

Guimarães Rosa

A efervescência dos anos 60 atingia os jovens colocando novos desafios, não só de costumes, mas principalmente no modelo de vida. Tradição social, comodismo e reprodução e costumes estavam ali para serem transpostos e mudados.

Vicco e Toninho navegaram por esse mar de influências e mergulharam em seus desafios e conflitos. Vicco, contestador de valores da época, dedicou-se a várias atividades ligadas à área de criação.

Não satisfeito com a condição de empresário no ramo publicitário, rompeu com essa estabilidade, abandonando tudo para atender seus anseios em desenvolver novas formas de externar a turbulência criativa nele contida. O desejo de buscar um sentido artístico para suas criações levou-o para um novo desafio. Iniciou então, sua incursão na cerâmica, aprendendo técnicas, construindo fornos, produzindo, sempre refletindo sobre as possibilidades artísticas da cerâmica, formas e texturas, cores e argila.

Vicco escrevia sobre este processo e sobre a vida. Numa mão a caneta registra a reflexão, na mesma mão a idéia para formas da argila, das receitas de esmalte. Sempre presenciamos a agitação criativa em que ele se debatia com as possibilidades da forma e o aprimoramento da técnica.

O amadurecimento da idéia e a execução da criação eram processos paralelos, pontilhados por mudanças constantes até seu término, que se apresentava sempre surpreendente, como realização pessoal, ao atingir o resultado artístico almejado ou inconformismo por uma falha casual ou incorreção no rumo.

Riscos inerentes do processo, experimentação e aprimoramento ao longo do caminho necessariamente percorrido.

## Toninho



Homenagem Póstuma

## **Antonio Cordeiro** (1949 - 1991)



Toninho, com espírito aventureiro e mente aberta às novas perspectivas do período, correu o Brasil e parte da América Latina. Bebeu em muitas fontes. Já e vinha com relatos, com idéias e com notícias ampliando seu conhecimento e visão de mundo.

A princípio atuou como operário, sentiu o sopro da liberdade como andarilho, enveredando posteriormente pela área artesanal, em seus diversos níveis. Quando surgiu a possibilidade da cerâmica agarrou-a com firmeza e determinação, encontrou o desafio e o que queria realizar.

Terra, água, ar e fogo, elementos da natureza que fluíam por sua mente e corpo, num processo criativo febril, culminando na certeza do objetivo traçado, apesar da expectativa pelo resultado prático, fruto natural de todo o processo. Nunca abandonou sua índole aventureira na busca do novo e inusitado, tanto no rumo artístico abraçado, como no conceito de viver. Toninho e Vicco se uniram ao pessoal de Cunha na construção do primeiro forno Noborigama e na aprendizagem da cerâmica.

Logo o domínio da técnica, da forma, da textura e das cores apareceu como uma forte característica de suas produções. Trilharam caminhos distintos dentro do mesmo caminho, sempre inovando na aplicação da técnica, conceito e apresentação, em busca de novos horizontes para a cerâmica como arte no Brasil. Visitávamos os dois em todos os lugares onde se estabeleceram, Teresópolis, Três Rios, Miguel Pereira e Caraguatatuba.

O momento da queima, extenuante, verdadeira prova de todo o trabalho realizado durante um determinado período, necessitava de apoio e de braços e sempre que podíamos, lá estávamos. Aprendemos mais que o processo técnico, aprendemos a compartilhar todo o processo de produção. Da massa amorfa ao produto final, quando eles nos falavam sobre o que faziam, um brilho especial em seus olhos nos contagiava, especialmente no momento da abertura do forno, as surpresas e os encantos.

Vibrávamos com eles e continuamos vibrando.

**texto:** Sebastião Cordeiro "irmão"

## Nhá Núncia



Homenagem Póstuma

## **Dona Annúncia dos Santos** (1903 - 1992)



Dona Annúncia dos Santos (Nhá Núncia), falecida em 20 de outubro de 1992, com 89 anos de idade, foi uma das principais paneleiras remanescentes do início do século XX, em Cunha.

Oriunda do Bairro Oriente, era filha do casal Sr. Benedito Pinto dos Santos e Dona Clementina de Jesus com quem aprendeu a arte de fabricar vasilhas de barro de caráter utilitário, como potes, panelas, cuscuzeiros e outros utensílios.

A técnica utilizada por Nhá Núncia era basicamente indígena, não só com relação aos objetos utilizados para fazer as cerâmicas, como na queima e no manuseio das colorações extraídas da própria terra, que se denominavam tauá, taguá ou tabatinga.

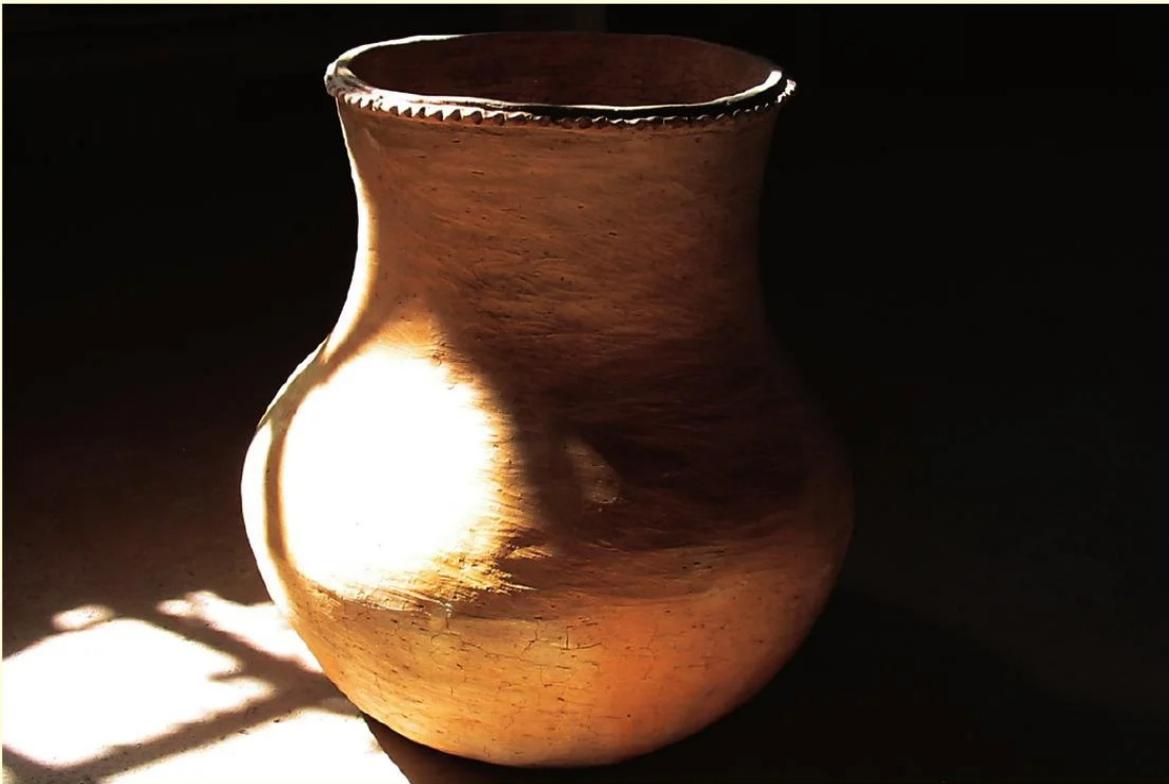
O Bairro Oriente, no qual viviam Nhá Núncia e familiares, faz parte de um extenso grupo de vizinhanças formado pelos Bairros Barreiro, Carrasquinho, Soledade, Sororoca, Jardim, Pernambuco, Sapé (Pedreira) e Jacuí-Mirim.

O Bairro Barreiro, cuja denominação é protótipo de região especial para a fabricação de cerâmica caipira, foi o centro das mais famosas paneleiras de Cunha.

A modernização, no que tange aos utensílios domésticos, tornou obsoleto o uso da cerâmica caipira; porém, a arte simples da paneleira Nhá Núncia, de forte influência indígena, permanece como exemplo de uma das autênticas paneleiras de Cunha.

**texto:** João José de Oliveira Veloso

## Dona Dita



Homenagem

## **Benedita Olímpia de Abreu**



Hoje apenas uma paneleira continua a sua atividade com o barro em Cunha: Dona Dita, ou Benedita Olímpia de Abreu, nascida em 1912. Beirando os 93 anos de idade, prossegue "fazendo panela" como ela diz. Surpreendentemente clara de espírito para a idade avançada, determinada e cheia de brio na sua modéstia, fala-nos do que foi a sua vida dedicada à cerâmica.

"Noventa e um e inda tô trabalhando", nos diz na sua voz de terna avozinha, a avó que todos gostaríamos de ter. E foi com a avó que aprendeu, aos 15 anos e para nunca mais parar, uma vida para o barro. Morou na roça e só nos últimos 20 ou 30 anos mudou-se para a cidade. Teve 7 filhos, 3 ainda vivos. Não tem continuadores. Uma filha começou a aprender mas desistiu, o neto também. Fazia potes para a festa do Divino, para casamentos e batizados.

Nasceu em Jacuí-Mirim, município de Cunha. Mas foi no bairro de Soledade que seu marido lhe construiu o forno. Hoje moradora no bairro do Motor em uma casinha de dois cômodos, dois potes acabados de modelar descansam em cima do lava-louças. Não tem ateliê, este ícone da cerâmica cunhense.

As peças são queimadas graças à boa vontade do ceramista Leí Galvão que também se encarrega da colocação no mercado.

Conheceu na região todas as paneleiras do século passado, Matilde Barnabé, Maria Boigi, Chica Pinta, Ritinha do Pernambuco e a mais recentemente falecida, Dona Annúncia, de quem era amiga.

**texto:** Alberto Cidraes



# Ceramistas com fornos Noborigama

**Alberto Cidraes**  
**Mieko Ukeseki**  
**Mario Konishi**  
**Gilberto Jardineiro**  
**Kimiko Suenaga**  
**Luiz Toledo**  
**Leí Galvão**  
**Augusto Campos**  
**Shugo Izumi**



Alberto Cidraes

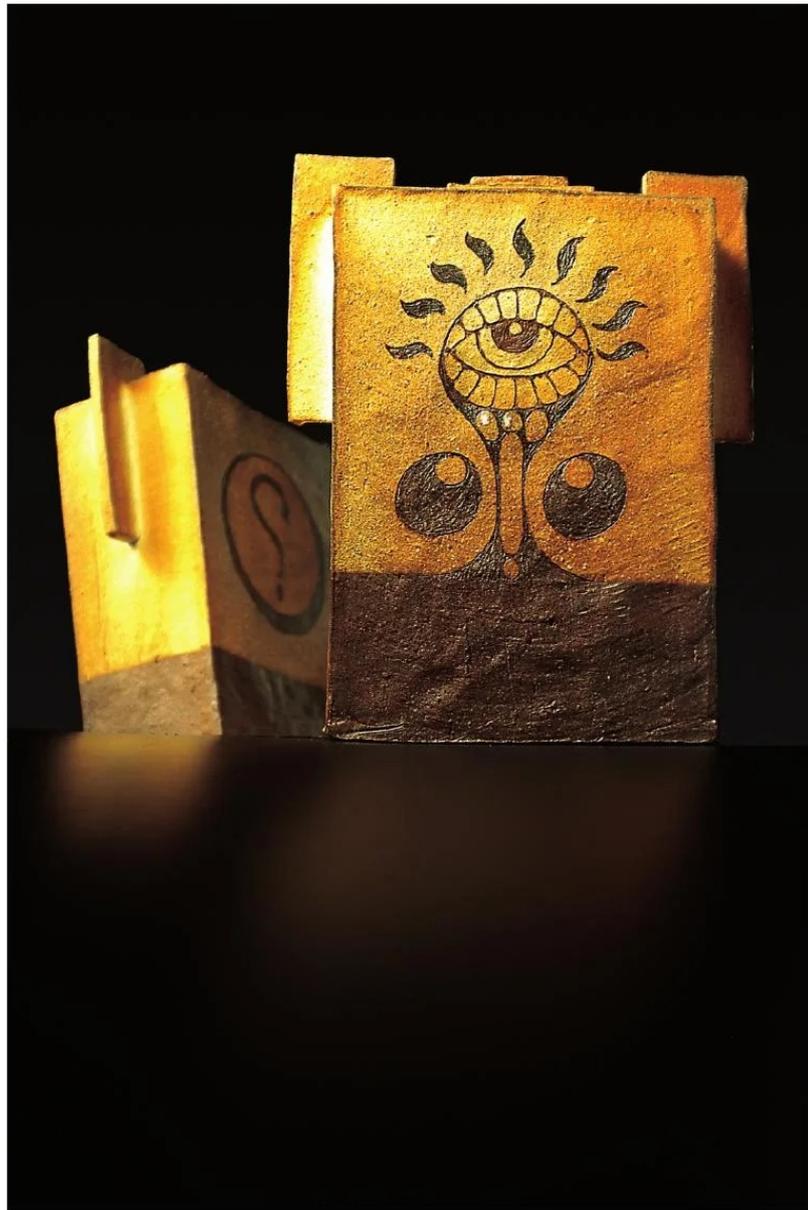
Luiz Toledo

Mieko e Mário

Suenaga e Jardineiro

Augusto e Leí

**Alberto Cidraes**



A cerâmica me apareceu em 72 como uma via fascinante para a auto expressão. Me cativou a naturalidade dos tons e texturas que observei no Japão, a arquitetura vernácula dos fornos Noborigama e o dramatismo de sua operação.

Me conquistou a maleabilidade do barro, veículo dócil para materialização de um mundo alternativo de fantasia ritualística. E ritual existe na própria estrutura cíclica do processo de trabalho, jogo mágico que entrelaça os quatro elementos, terra, água, ar e fogo num bailado que termina na abertura do forno.

A cerâmica com materiais da região rústica em que se vive, queimada a lenha e com simplicidade de métodos de criação, representa um contraponto ao mundo ultra-tecnológico em que a civilização global nos mergulhou.

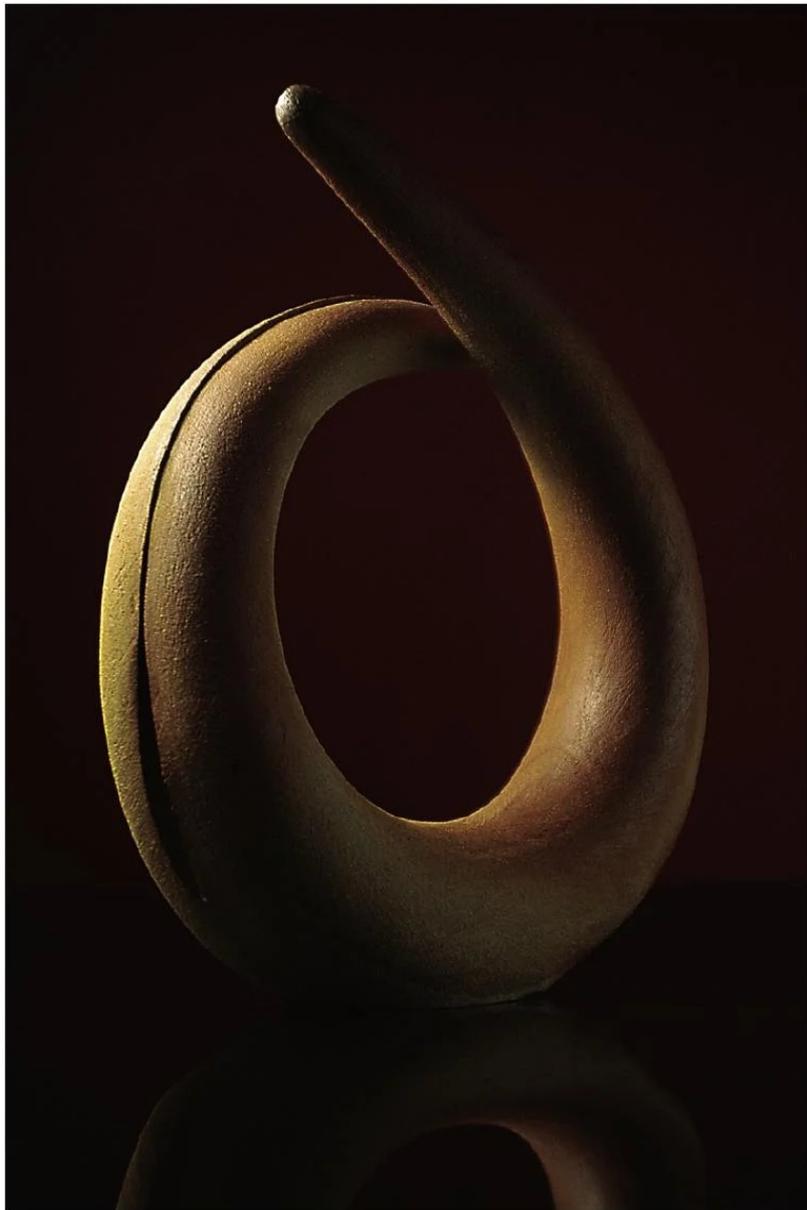
Trabalho hoje com uma opção processual crescentemente arcaica e minimalista e uma temática experimental em permanente mutação. Isto é ainda possível em Cunha, berço de uma cultura popular isolada e porto de abrigo de mentes insatisfeitas com as respostas do mundo convencional.



**Alberto Cidraes**

Atelier Antigo Matadouro  
Rua Manuel Prudente de Toledo, 461  
Cajuru, Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-1628  
**albertocidraes@excite.com**  
**www.cidraes.com**

**Mieko Ukeseki**



Uma longa caminhada no mundo fascinante da cerâmica deixando de lado a primeira profissão, a paixão pela cerâmica, ainda no Japão.

O primeiro contato com a argila foi decisivo, quis me aprofundar mais, descobrindo, rompendo, fazendo, desfazendo; um desafio atrás de outro.

Ano de 1975, Brasil, São Paulo, Cunha: a aventura com outros artistas de nacionalidades diferentes, diferentes culturas, dificuldades com a língua.

Buscando barro no brejo, socando pilão, misturando o pó com a água, que alimentava a necessidade de dar forma a uma massa de argila, a vontade de descobrir um caminho desconhecido.

A mistura da argila com infinitas idéias, sentimentos conflitantes, momentos de angústia, ansiedade que se transforma em linguagem própria, eternizada pela chama.

Minha vida íntima, meus sentimentos, que não escondo.



**Mieko Ukeseki**

Ateliê Mieko e Mario  
Rua Gerônimo Mariano Leite, 510 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-1468  
**miekoemario@uol.com.br**  
**www.miekoemario.cjb.net**

**Mario Konishi**

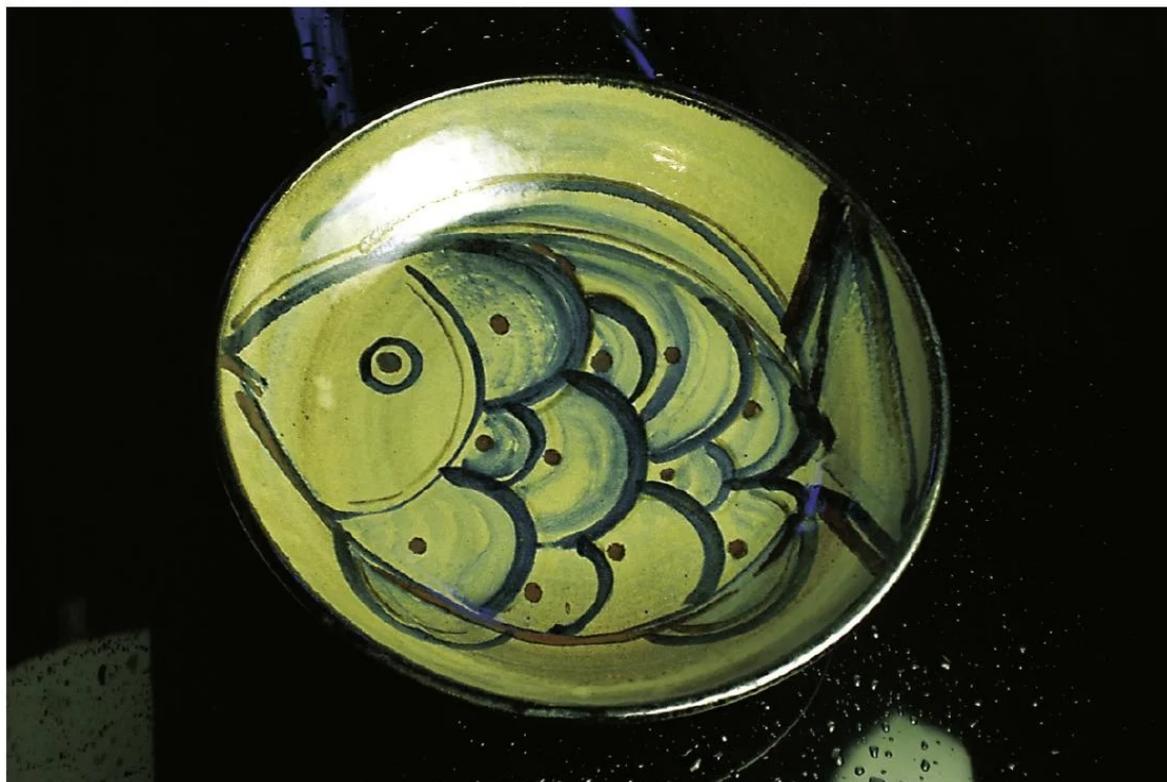


... um passo, depois outro passo.  
Mais um passo, depois mais outro passo.  
De passo em passo, o pisar.  
O chão, a terra, a argila.  
Verde, branca, amarela, preta, cinza, azul, vermelha.  
Nas mãos, um sonho.  
Um sonho, na cabeça.  
No coração, tudo.  
No olhar, o brilho!  
Pisa, sonha, pensa, amassa, olha, fogo, sofre, pega, suor, larga, aconchega, sorri e sente,  
O chão, o pulsar...



**Mario Konishi**  
Ateliê Mieko e Mario  
Rua Gerônimo Mariano Leite, 510 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-1468  
**miekoemario@uol.com.br**  
**www.miekoemario.cjb.net**

## Ateliê Suenaga & Jardineiro



Aprendemos a colher minerais na natureza e a enfrentar e vencer cada etapa no árduo e longo processo de aprendizado dos segredos da argila, seu comportamento na modelagem, na secagem e na queima.

Aprendemos a lidar com os humores do fogo e do forno e nossa cerâmica harmoniza hoje o equilíbrio entre intenção e prática, forma, função e conteúdo e é o resultado da fusão artesanal entre a arte e técnica, feita com o braço e feita com a cabeça.

Seguimos a tradição herdada de muitas gerações nos procedimentos do cotidiano de nosso ateliê e estamos livres para interpretar nossa existência e nossa realidade, redescobrimo a cada abertura de fornada o encantamento que desperta no homem o barro queimado transformado em cerâmica.

Comemoramos vinte anos de existência em Cunha realizando a 100ª Queima em nosso Noborigama de 4 câmaras construído em 1985, em celebração aos 30 anos de cerâmica de alta temperatura em Cunha.



**Kimiko Suenaga e Gilberto Jardineiro**  
Ateliê Suenaga & Jardineiro  
Rua Dr. Paulo Jarbas da Silva, 150 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-1530  
**ateliesj@uol.com.br**  
**www.ateliesj.com.br**

**Luiz Toledo**



Tive o meu primeiro contato com o barro na olaria do meu pai. Nunca imaginei que aquele tímido contato fosse tornar-se a minha grande paixão. Logo de início, comecei a criar figuras e sentia com isso grande satisfação.

O primeiro ateliê na cidade funcionava no antigo matadouro desativado, pois o primeiro forno Noborigama foi construído lá. Quando eu já não estava mais na olaria, ajudava os ceramistas em pequenas tarefas (pois morava próximo ao local) e, com isso, aproveitava a oportunidade de aprender observando seus trabalhos. Com o passar do tempo, o grupo se dissolveu e cada ceramista buscou o seu próprio caminho.

Já com alguns anos de experiência, montei meu ateliê criando o meu próprio estilo. Meu trabalho baseia-se no simples e no concreto, conseguindo uma fusão da cerâmica primitiva com a cerâmica oriental.

Hoje eu posso dizer: a cada dia que passa sinto mais prazer naquilo que faço, e vejo como é gratificante ser reconhecido.



**Luiz Toledo**  
Ateliê Cerâmica Toledo  
Alameda Lavapés, 555 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-3281

## Leí Galvão



Meu trabalho, atualmente, é muito voltado para o utilitário. Penso em confeccionar peças com as quais as pessoas possam estar convivendo no seu dia a dia, que façam parte de suas vidas.

Trabalhando com utilitários, sempre recorro de minha infância, quando as peças utilitárias feitas pelas paneleiras faziam parte do meu cotidiano.

A cerâmica me permite ter uma ligação com o simples e a essência da vida.



**Lei Galvão**

Ateliê Oficina de Cerâmica Augusto Campos e Lei Galvão

Avenida Antonio Luis Monteiro, 816 Cunha - SP

Tel.: (12) 3111-1361

**augustoelei@uol.com.br**

**www.oficinadeceramica.hpg.ig.com.br**

**Augusto Campos**



Meu encontro com a cerâmica foi inesperado. No início dos anos 80, eu ainda com 15 anos de idade, depois de ter trabalhado na roça, jogava futebol na rua.

De repente, ofereceram um trabalho no Atelier do Antigo Matadouro. Desde então, minha relação com a cerâmica não seria mais desatada. O encanto de sempre buscar o novo e entender os desafios do Noborigama e hoje, graças a Deus, ocupo meu espaço e faço parte dessa história.



**Augusto Campos**

Ateliê Oficina de Cerâmica Augusto Campos e Leif Galvão

Avenida Antonio Luis Monteiro, 816 Cunha - SP

Tel.: (12) 3111-1361

**augustoelei@uol.com.br**

**www.oficinadeceramica.hpg.ig.com.br**

**Shugo Izumi**



Na infinita paisagem brasileira...  
Debaixo do imenso azul do céu...  
Vivo com a terra,  
a argila,  
faço-a,  
moldo-a,  
amo-a...  
E da lenha o fogo surge  
Para a forma concretizar...  
Está pronta a minha vida, a minha felicidade.



**Shugo Izumi**  
Rua José Pires de Oliveira, 426  
Bairro do Tanque Atibaia - SP  
Tel.: (11) 4416-1113  
**hamako\_izumi@yahoo.co.jp**



# Ceramistas com outros tipos de fornos

**Sandra Bernardini**  
**Zahiro Anand**  
**Gitika Anand**  
**José Carlos Carvalho**  
**Cristiano Quirino**  
**Sandra Quirino**  
**Dalcir Ramiro**



foto Sandra Bernardini

Forno Raku



foto Zahiro Anand

Forno à gás

**Sandra Bernardini**



A paulistana Sandra Schiesser Bernardini, nascida em janeiro de 1953, é ceramista desde 1972. Por coincidência, ou influência, seguiu o mesmo caminho profissional de seu bisavô José Zappi, conceituado ceramista italiano, que veio para o Brasil em 1913 e construiu a primeira fábrica de louças de São Paulo. Sua formação em artes plásticas na Faap, em 1975, ajudou a definir o estilo de suas obras atuais, que focam em forma e função.

Desde o início de sua carreira utiliza a técnica do torno, que se manteve como sua mais importante linha de expressão. Em 1992 abandona o uso do forno elétrico de alta temperatura e passa a ser adepta da queima em forno a gás.

Sua primeira visita a Cunha aconteceu em 1995, ocasião em que acompanhava um grupo de alunos de seu ateliê de São Paulo.

Ficou imediatamente apaixonada pela região, seu clima e paisagem, amadurecendo desde então o sonho de morar no campo. Em dezembro de 1999 desativa seu ateliê em São Paulo e começa a produzir em Cunha.

Hoje, plenamente integrada ao ambiente rural de seu ateliê, divide o tempo entre cuidar dos animais, do plantio orgânico de hortaliças e da produção de cerâmica.

Trabalha com a alta temperatura para as peças utilitárias e Rakú para as decorativas.

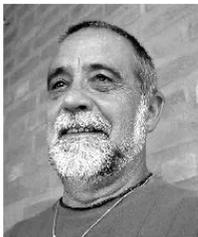


**Sandra Bernardini**  
Ateliê Morro do Pinhão  
Estrada Municipal de Paraibuna, km 9 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-1946  
**morrodopinhao@uol.com.br**

**Zahiro Anand**

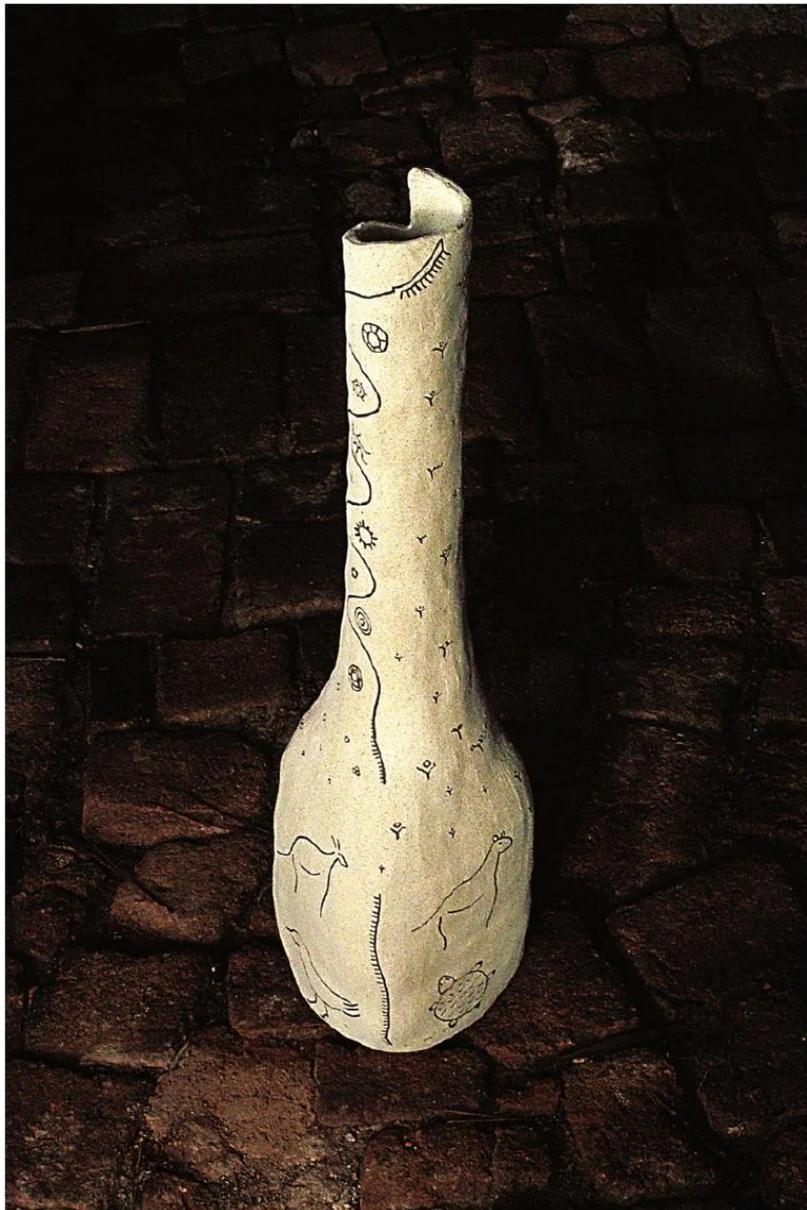


todo o passado está contido no presente que condiciona o futuro.  
terra, água, argila,  
homem, ar,  
fogo, cerâmica...  
onde está o Buda?



**Zairo Anand**  
Anand Ateliê  
Rua Benedito Marques de Oliveira, 110 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-3099  
**gitikazairo@hotmail.com**  
**www.anandatelier.com**

**Gitika Anand**



Depois de trabalhar por muitos anos em salas de aula, laboratórios e escritórios, optei pela cerâmica e acho que ganhei na troca.

Modelo com as mãos usando rolinhos, placas ou apenas amassando e puxando a argila. Gosto de revestir as peças com engobes e decorar com motivos rupestres, indígenas e geométricos. Gosto de painéis coloridos e de peças claras, mais decorativas do que utilitárias. Gosto de misturar a cerâmica com outros materiais, como ferro, palha, etc. Além da alta temperatura, faço também queima em raku, com e sem esmalte.

Os principais elementos do meu trabalho são a alegria de trabalhar e o prazer de criar objetos bonitos e simples, em harmonia com a natureza.



**Gitika Anand**

Anand Ateliê

Rua Benedito Marques de Oliveira, 110 Cunha - SP

Tel.: (12) 3111-3099

**[gitikazahiro@hotmail.com](mailto:gitikazahiro@hotmail.com)**

**[www.anandatelier.com](http://www.anandatelier.com)**

**José Carlos Carvalho**



José Carlos Carvalho percorreu uma brilhante carreira como diretor de arte em algumas das mais importantes agências de publicidade nacionais e internacionais.

Em 1982, passou a dedicar-se integralmente à sua maior vocação, a arte da cerâmica, aperfeiçoando-se com Mestre Lelé.

A partir de então, transferiu toda criatividade para a argila, as tinturas, os esmaltes, desenvolvendo seu próprio estilo.

Seus trabalhos têm sido apreciados em várias exposições públicas e particulares e, atualmente, em seu atelier na cidade de Cunha SP.

“Em meu trabalho o objetivo principal é realçar, ao máximo, a beleza da argila através de texturas diferenciadas, um misto de esgrafito com alto e baixo relevos, adições e colagens de argila mescladas com corantes minerais.

Com essa técnica exclusiva a argila adquire cores, formas e texturas inusitadas que não a escondem - apenas completam e valorizam, transmitindo uma visão harmoniosa entre a forma e o design gráfico. Ganha relevos inéditos que capturam a luz e esculpem sombras gerando instigantes efeitos visuais”.



**José Carlos Carvalho**  
Ateliê Carvalho Cerâmica  
Rua Gerônimo Mariano Leite, 190 Cunha - SP  
Tel.: (12) 3111-2483  
[www.carvalhoceramica.com.br](http://www.carvalhoceramica.com.br)

**Cristiano Quirino**



Trabalhar com cerâmica é um privilégio, é interferir na transformação da matéria, despendendo uma enorme energia e imprimindo meu senso estético de maneira definitiva.

Desde as cuias neolíticas até as pastilhas semicondutoras existe um leque infinito de aplicações técnicas para criar objetos cerâmicos de modo a satisfazer as mais diversas necessidades humanas.

Mas é nos objetos artísticos de uso doméstico, ritual ou ornamental, impregnados de valores éticos e estéticos, que está impressa a história da humanidade.

A arte moderna e contemporânea ganhou suportes diversos que valorizam as novas formas de expressão plástica. Sofisticou seus meios de comunicação, mas distanciou o artista do cidadão, tornando seu apreciador restrito e especializado.

Para mim um objeto de cerâmica contém a grande energia dedicada pelo artista e pelo processo de confecção.

Energia que transborda os limites entre o comunicador e o apreciador, provocando uma identificação com o conhecimento ancestral que está adormecido no inconsciente coletivo.



**Cristiano Quirino**

Ateliê Cristiano e Sandra Quirino  
Rua Manoel Prudente de Toledo, 448 Cunha - SP  
Tel.: (11) 9701-9795  
**objetovirtual@hotmail.com**

**Sandra Quirino**



Passeando pela Praça da República em S.Paulo em 1975, descobri minha atração pela cerâmica ao olhar para as peças do ceramista Sato. Vivia apreciando e educando o olhar para a beleza desse trabalho rústico e ao mesmo tempo delicado.

Mais tarde, morando em Londres, me deparei novamente com a cerâmica sendo ensinada nas oficinas culturais que freqüentei. Ali me despertaram para a seriedade dessa técnica, quando ingressei na Sir John Cass School of Art para formação profissional.

Entre criação e técnicas essa atividade nos leva a inúmeras possibilidades de escolha e decisão. Por três anos recebi vários estímulos aprendendo com a argila, mas o que mais me motivou foi a criação de objetos utilitários. Esta especialidade me mantém em contato direto com meu público, numa relação prática e racional.

Na lida diária com a cerâmica meu aprendizado é constante em meio a novos desafios. Até hoje vinte e nove anos se passaram e ainda me entusiasmo em cada abertura de forno, quando tenho a mesma expectativa, como se fosse a primeira vez: sempre existem as surpresas!

Tal como um ser vivo a criação de cerâmica exige do artista todo cuidado e dedicação para que sua obra se perpetue.



**Sandra Quirino**

Ateliê Cristiano e Sandra Quirino  
Rua Manoel Prudente de Toledo, 448 Cunha - SP  
Tel.: (11) 9701-9795  
**csquirino@uol.com.br**

**Dalcir Ramiro**



A cerâmica é para mim o sentido da vida. Desde o primeiro contato que tive numa roça em Cunha com as antigas paneliras, despertou em mim a emoção da criação e do domínio da matéria.

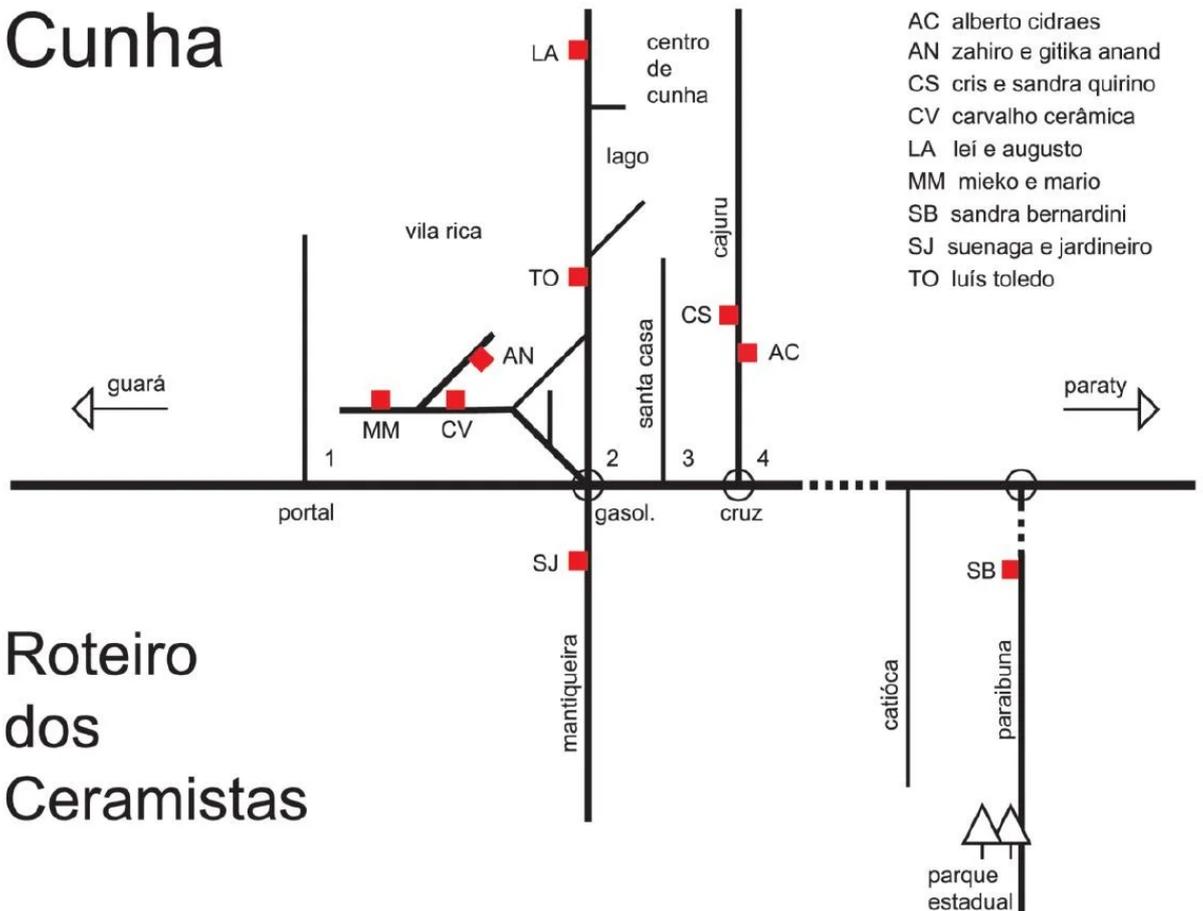
Quando estou esculpindo sinto retornar à essência daquela maneira mais simples de criar, sem grandes projetos, nem desenhos, me ponho a manipular a argila permitindo, a partir daquela técnica primitiva brasileira, a transformação do barro elaborando formas que estão no meu inconsciente, ou seja, na expressão mais pura da minha emoção.

Seguindo a tradição étnica brasileira de modelar o barro, o meu trabalho evoluiu, em trinta anos, em formas esculturais contemporâneas influenciado pelo contexto histórico internacional presente à minha própria existência.



**Dalcir Ramiro**  
Rua da Lapa, 375 Paraty - RJ  
Tel.: (24) 3371-1241  
**lucizo@paratyweb.com.br**

# Cunha



## Roteiro dos Ceramistas

### Chegando nos ateliers...

Se vier de Guará encontrará o primeiro núcleo de ateliers no cruzamento com a entrada 2 da cidade, o segundo na entrada 4 e o terceiro na estrada da Paraibuna.

Se vier de Paraty pode começar pela estrada da Paraibuna, entrar na entrada 4 e depois dar uma volta pela 2.

Se puder visite bastantes ateliers pois todos são bem diferentes e arquitetonicamente peculiares, para além das variadas abordagens à atividade denominada como cerâmica que irá encontrar. O mapa acima dá uma ideia da localização dos vários ateliers.

veja mais no site <http://cunhaceramica.info>







 2005.ANO.DA.CERÂMICA  
30 Anos de Forno Noborigama em Cunha